

20 ANOS SEM

Renato Pacheco

Getúlio Marcos Pereira Neves (org.)

COLEÇÃO RENATO PACHECO Nº 5

20 ANOS SEM

Renato Pacheco

Getúlio Marcos Pereira Neves (org.)

COLEÇÃO RENATO PACHECO Nº 5

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO ESPÍRITO SANTO

Presidente: Getúlio Marcos Pereira Neves

1º Vice-Presidente: João Gualberto Moreira Vasconcelos

2º Vice-Presidente: José Paulo Calmon Nogueira da Gama

3º Vice-Presidente: Gelson Loiola

4º Vice-Presidente: Fernando Antonio de Moraes Achiamé

Secretário Geral: Vinícius Muline dos Santos

Secretário Adjunto: Ivonete Rodrigues Guedes

Tesoureiro Geral: Gilber Rubim Rangel

Tesoureiro Adjunto: João Roberto Vasco Gonçalves

Conselho Fiscal: Anaximandro Oliveira Santos Amorim, Marcus Benatti Antonini Rangel Pimentel, Rogério Zanon da Silveira. Suplentes: Ricardo Brunow Costa e Wanda Maria Bernardi Capistrano Alckmin

Conselho Editorial: Getúlio Marcos Pereira Neves, Eliana Barbosa de Souza, Paulo Stuck Moraes, Pedro J. Nunes, Vinícius Muline dos Santos

Colégio Espírito-santense de Genealogia e Heráldica: Paulo Stuck Moraes

Orador: Manoel Goes da Silva Neto

IHGES

Av. República, 374, ed. Domingos Martins, Parque Moscoso

Vitória-ES • CEP: 29.018-310

e-mail: secretaria.ihges@gmail.com

20 ANOS SEM

Renato Pacheco

Getúlio Marcos Pereira Neves (org.)

COLEÇÃO RENATO PACHECO Nº 5

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO ESPÍRITO SANTO
VITÓRIA-ES

2024

© INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO ESPÍRITO SANTO

Projeto gráfico e editoração: Priscila Guarnier

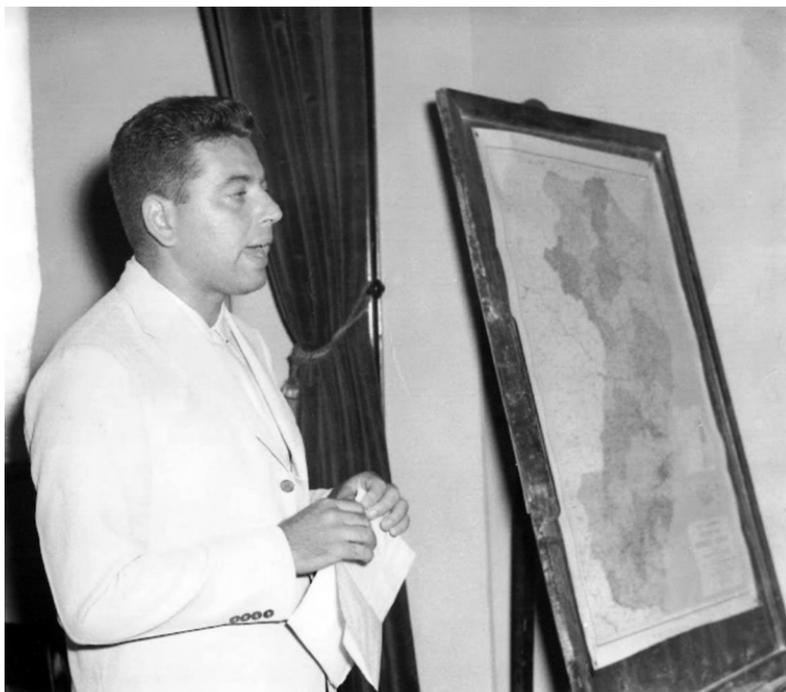
A revisão dos artigos e as imagens aqui contidas são responsabilidade dos respectivos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V789 20 anos sem Renato Pacheco / Getúlio Marcos Pereira
Neves (Org.).--
Vitória, ES : Instituto Histórico e Geográfico do Espírito
Santo,
2024.
114p. ; 19cm.- (Coleção Renato Pacheco, 5).
ISBN: 978-85-88529-89-2

1. Literatura brasileira - .Crítica e interpretação. 2.
Análise literária
I. Neves, Getúlio Marcos Pereira.

CDD B869.908



O jovem Renato Pacheco palestrando sobre seu objeto de estudo, o Espírito Santo.

SUMÁRIO

Apresentação	9
Renato José Costa Pacheco, meu pai <i>Rodrigo Bomfim Pacheco</i>	13
20 anos sem papai <i>Guilherme Bonfim Pacheco</i>	21
Renato José Costa Pacheco, meu pai <i>Renata Bomfim Pacheco</i>	25
Mestre Renato Pacheco <i>Francisco Aurelio Ribeiro</i>	27
O canto do RE-NATO <i>Oscar Gama Filho</i>	31
O Magistrado Renato José Costa Pacheco <i>Sebastião Teixeira Sobreira</i>	39
Renato Pacheco <i>Tatiana Gianordoli Teixeira</i>	45
Renato Pacheco, O escritor capixaba de múltiplos dons <i>Ester Abreu Vieira de Oliveira</i>	47

A discreta ironia no romance Senhor Kurtz, morto, de Renato Pacheco <i>Luiz Guilherme Santos Neves</i>	59
Um romance capixaba <i>Rubem Braga</i>	69
Vovô Renato <i>Taís Poncio Pacheco Diniz</i>	71
Tio, o que é concreto e abstrato? <i>Luís Filipe Vellozo de Sá</i>	83
Meu amigo Renato <i>Neida Lúcia Moraes</i>	85
Sentença “Literária” <i>Getúlio Marcos Pereira Neves</i>	87
Encontro com Renato Pacheco <i>Andreia Delmaschio</i>	101
A seita dos queima-papéis... <i>Renato Pacheco</i>	111

APRESENTAÇÃO

Independentemente dos tempos que corram, não é todo dia que um estudante é convocado aos 17 anos de idade para substituir seu professor na regência de uma cadeira. Não é sempre que um estudante, aprovado em concurso público aos 19 anos de idade, logo no ano seguinte se veja comissionado no cargo de diretor da Divisão de Pessoal do Departamento do Serviço Público estadual. Muito menos que deixe esse alto posto um ano depois, ao obter por concurso a cadeira de História Geral do Colégio Estadual. Leciona então por sete anos, até que novo concurso público o leva à magistratura de carreira do Espírito Santo, onde atuará por quase dezessete anos, em todos os quadrantes do estado. Essa breve trajetória, por si só, já o distinguiria.

Em 2024 a cultura do Espírito Santo conta 20 anos sem a presença física de Renato José Costa Pacheco, o personagem a que me refiro. Dos maiores intelectuais capixabas da segunda metade do século XX, o acadêmico Renato Pacheco, meu antecessor na cadeira 33 da Academia Espírito-santense de Letras, foi ao longo da sua produtiva existência essencialmente um educador. E no palco da cultura local um grande ator e um não menos formidável entusiasta e incentivador. Atuando nos segmentos jurídico (como magistrado e assessor dos órgãos diretivos

do Tribunal de Justiça) acadêmico (no Ginásio do Espírito Santo, na Universidade Federal, na Faculdade de Direito de Vitória), governamental (no antigo Departamento Estadual de Cultura) e no cultural (no Instituto Histórico e Geográfico e na Academia Espírito-santense de Letras), fez principalmente Literatura, Sociologia, História e Direito. Poeta, cronista, romancista, contista bissexto; investigador de temas históricos locais, entre eles a imigração; estudioso do fenômeno jurídico sob o viés da Sociologia Jurídica, colaborou em jornais e revistas, daqui e de fora, atuou no rádio e até fez ponta no cinema, na filmagem do seu romance *Fuga de Canaã* pelo diretor Sérgio de Medeiros.

Dando nome a escola, biblioteca, auditório, a prêmios e comendas, patrono de cadeiras em academias municipais de letras, todo esse legado deve ser festejado, e bem por isto o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo iniciou e encerrou o ano de 2024 homenageando Renato Pacheco. Palestra e mesa redonda lembraram o saudoso intelectual que tanto prezava a Casa do Espírito Santo, considerando-a, mesmo, a sua segunda casa.

Esta publicação reúne textos sobre Renato Pacheco – artigos, depoimentos, um conto – de autoria de amigos, familiares, pesquisadores, que gentilmente aderiram à ideia de ajudar a manter viva a sua memória. Fecha a seleção um miniconto do próprio Renato Pacheco, publicado em 1987 na coletânea *A*

bailarina impossível e outras histórias, aqui transcrito pela inexcusável constatação de que a visão distópica ali contida vai hoje, menos de quarenta anos depois, rapidamente se concretizando. A conclusão, entretanto, serve de alento, mais um alento que nos deixou o professor.

Em suma, cada informação registrada nestas páginas contribuirá um pouco mais para a compreensão da multifacetada obra de Renato Pacheco, facilitando novas abordagens que certamente a proximidade do centenário de seu nascimento haverá de suscitar.

Getúlio Marcos Pereira Neves
Presidente do IHGES

RENATO JOSÉ COSTA PACHECO, MEU PAI¹

Rodrigo Bomfim Pacheco²

Escrever sobre uma pessoa tão múltipla quanto o professor, escritor, pesquisador, folclorista, historiador e magistrado Renato José Costa Pacheco não é uma tarefa das mais fáceis, mesmo para mim, seu filho mais velho, ou talvez por isso mesmo. Com 15 anos de idade ingressei na redação de *A Gazeta*, ainda no antigo prédio da rua General Osório, e passei a entender melhor a figura do meu pai, porque muitas pessoas que entrevistava perguntavam se eu era filho dele, e todas sempre tinham algo de bom para falar.

Renato José Costa Pacheco nasceu aos 16 dias do mês de dezembro do ano de 1928, na casa de seus pais – Filogônio e Valentina -, um sobrado no final da rua 7 de Setembro, aos pés do morro da Fonte Grande, e que ainda resiste ao tempo, apesar de já ter sido descaracterizado em sua forma arquitetônica. Teve três irmãos: Geraldo, que faleceu ainda bebê, Rogério e Carlos Augustus. Eram todos grandes amigos.

¹ Texto da palestra proferida no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo em 28/02/2024.

² Servidor Público Federal aposentado. Jornalista e escritor.

Hoje, estamos aqui para homenageá-lo e lembrar dessa pessoa tão singular, que nos deixou, de maneira totalmente inesperada, aos 75 anos de idade, no dia 18 de março de 2004, portanto podemos dizer há vinte anos. Duas décadas sem Renato Pacheco, mas parece que foi ontem, pois a saudade, apesar de não ser mais dolorosa como foi no início, permanece, mas agora de uma maneira suave, pois o tempo, esse grande sábio, ameniza qualquer sofrimento. Hoje, sentimos aquela sensação de que Renato Pacheco combateu o bom combate, foi intenso em tudo que fez e seu legado jamais será esquecido.

Dignificou a Magistratura em todas as comarcas onde julgou. Brillou em sala de aula tal qual um sol que espalhava a luz do conhecimento para qualquer um que quisesse aprender. Mesmo assim, não se colocava num pedestal, pois quando foi homenageado pelos 50 anos de Magistério afirmou: “São quase cinquenta anos de aprendizado e continuo, ai de mim, aprendiz”.

Na literatura, não sou especialista no assunto, mas ousou dizer que sua obra se não é a melhor e mais profunda dessas terras de Vasco Fernandes Coutinho, sem dúvida deve ser a mais profícua. Era um verdadeiro polígrafo, pois escrevia, e bem, sobre vários assuntos. Escrevendo a respeito de sua terra natal, que amava profundamente, alcançou dimensão universal. Seus romances, contos, poemas, crônicas, estudos sociológicos e históricos falam de si

mesmo e de todos nós. Falam do amor, da vida e da morte, mas, acima de tudo, falam do Homem, essa espécie dominante em nosso planeta, mas tão complexa que só pessoas iluminadas como Renato Pacheco podem traduzi-la em palavras.

Dizia, a respeito da inspiração que lhe motivava a preencher as folhas de papel almaço que tinha em profusão no seu escritório: “Poesia só escrevo quando ela desce a mim. Prosa sempre que há um tema pertinente a desenvolver, de preferência voltado para o Espírito Santo, nossa terra”.

Desde a pequena brochura *Antologia do Jogo de Bicho* e do seu primeiro, e já polêmico, romance *A oferta e o altar* demonstrou talento e capacidade muito acima da média. Sua mente privilegiada permitiu que escrevesse sobre tudo. Posso citar, e já com medo de não estar sendo fiel a tanta coisa que fez, alguns trabalhos como *A loucura das células e outras estórias*, *Cantos de Fernão Ferreiro e outros poemas heterônimos*, *Penedo vai, Penedo vem...cartilha do folclore capixaba*, *O centauro enlouquecido e o pintor amante*, *Os dias antigos*, *Reino não conquistado*, *Eu vi nascer o Brasil*, *O macaco louco*, *Cultura capixaba – uma visão pessoal* e tantas outras obras até a edição póstuma de *Sociologia jurídica*. Isso sem contar os inúmeros livros escritos em parceria com diversos autores, entre os quais, os mais constantes, até onde eu sei, foram os irmãos Luiz Guilherme e Reinaldo Santos Neves.

Morei 34 anos – de 1985 a 2019 – na cidade de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia. Foi uma escolha pessoal, mas, por conta disso, lamentavelmente não acompanhei de perto os anos mais produtivos da vida de meu pai, quando ele estava no auge de sua enorme capacidade produtiva e intelectual. Mas até isso foi previsto, pois no Canto Zero do livro *Cantos de Fernão Ferreiro*, à página 23, ele afirma: “Colombo ainda tarda a chegar e o Paraíso – como tantos, mais um falso paraíso – lá está, está lá, a oeste, no poente. Do mar os capixabas caminham para Rondônia, atravessar os Andes será um passo a mais”.

Por isso, para ilustrar essas modestas palavras, pedi a meus irmãos que me ajudassem com suas próprias lembranças. Meu irmão Guilherme, por exemplo, conta que algumas vezes foi da rua Sete, onde morávamos, aos sábados, caminhando com nosso pai até a Livraria Âncora, na ladeira Nestor Gomes. Ali, havia um encontro de amigos, que, posteriormente se transferiu para a Livraria Logos, na Praia do Suá.

Enquanto os intelectuais debatiam os assuntos de seu interesse, Guilherme tinha o direito de escolher um artigo de papelaria qualquer ou um livro, e na volta para casa ganhava um pastel com caldo de cana. Certa ocasião, lembra ainda, na volta de uma ida a Santa Teresa, terra natal de nossa mãe, Clotilde, a popular Tildinha, que também faleceu em março, mas no dia 25, aos 96 anos de idade, em 2023, encontraram a casa da Mata da Praia arrombada, e

todas as joias de mamãe tinham sido levadas. Ela, católica, ficou tão indignada, exigindo que a justiça divina se manifestasse, que somatizou aquele sentimento e teve uma pneumonia. Papai, se esforçando ao máximo nos cuidados com a mulher que amava, e não cansava de demonstrar isso, esperou o momento certo e tocou o coração dela dizendo: “Perdoa seus malfeitores. Eram só joias. Quase nunca saíam do armário. Sua vida e sua saúde são muito mais valiosas que isso”.

Renato Pacheco não frequentava igreja ou culto, mas era, sem dúvida, um verdadeiro e genuíno cristão, pois praticava o bem e a bondade sem olhar a quem. Mesmo assim, recorda a minha irmã Renata, tinha as suas devoções. A principal era Nossa Senhora da Penha, tanto que registrou em Cartório sua vontade final de ser cremado e as cinzas jogadas no mar ao pé do Convento da Penha, o que foi cumprido.

Era guloso, para não dizer glutão. Terminava o almoço perguntando o que teríamos na janta, e colocava entre seus pratos preferidos a nossa torta capixaba. Doces, comia todos, especialmente torta de nozes e quindim. Não podia ficar com fome, pois alterava o seu humor. Por isso, quando o almoço atrasava, se socorria com uns biscoitinhos. Tinha fama de barbeiro. Uma vez, no Guaçuí, estava dirigindo sua Kombi (o carro da época para quem tinha família grande), espirrou e perdeu a direção, batendo num veículo que estava estacionado. Ano mais tarde, já em Vitória,

cansado do trânsito complicado, não renovou mais a CNH e passou a usar o transporte coletivo.

Nas viagens que fazia ao Rio de Janeiro, passava horas estudando e pesquisando no Arquivo Público. Tornou-se abstinente após, segundo reza a lenda, chegar em casa carregado pelos amigos, o que muito lhe envergonhou. Mas me disse uma vez que quando fosse a Portugal talvez bebesse um cálice de vinho do Porto. Não sei se o fez. Combatia com veemência o tabagismo.

Gostava de futebol, especialmente do Flamengo. Tinha fascínio pelos sete netos – seis mulheres e um homem – e, com certeza, adoraria ter conhecido os bisnetos. Inclusive, incentivava a neta mais velha, Raíssa, minha filha mais velha também, a se casar e engravidar logo, prometendo, a título de auxílio, comprar o fogão para a casa dela. Amava, sobretudo, sua esposa, Tilda, e os quatro filhos que o casal gerou. Minha irmã caçula, Ana Lúcia, foi quem mais tempo morou com eles, depois que os mais velhos bateram asas. Trabalhou uma época no Fórum de Vitória, e costumava ir até a sala de nosso pai, na assessoria da Presidência do Tribunal de Justiça. Muitas vezes voltavam juntos para casa.

Quando ela foi residir nos Estados Unidos, papai e mamãe sempre iam visitá-la. Numa dessas vezes, ele aproveitou e foi conhecer a casa onde William Faulkner morou, em Oxford. De lá trouxe um saquinho plástico cheio de terra e pedregulhos, que man-

dou colocar numa caixinha de madeira com tampa de vidro acrescida dos seguintes dizeres: “Terra e seixos – casa de Faulkner”. Era fã incondicional do autor de *Luz em agosto*.

Não alcançou essa época dos celulares e seus intermináveis aplicativos, mas conheceu os primórdios dos computadores. Chegou a ter um, com o qual não demonstrava muito intimidade. Continuou preferindo escrever à mão, usando caneta de tinta azul, com uma letra pequena e, pelo menos para mim, um tanto carente de legibilidade.

Assim era Renato José Costa Pacheco. Um homem comum, mas que tinha, conforme os que o conheceram sabem, aquele algo mais. Como se diz no popular, com ele “não tinha tempo ruim”. Seus alunos sentiam por ele um carinho que beirava a devoção, pois exercia seu ofício com amor. Era “o cara”. Acima de tudo, tinha sempre uma palavra positiva e um incentivo a todos que o procuravam, motivando-os a sonharem, a tentarem, a realizarem. Era grande, mas queriam que todos fossem maiores do que ele. No dizer do filósofo francês Montesquieu: “Para se tornar verdadeiramente grande, é preciso estar ao lado das pessoas, e não acima delas”.

Foi-se, pois, 20 anos atrás, Renato Pacheco. Ficam na lembrança o homem, seu caráter e moral, o exemplo dignificante e a obra, que permanecem para sempre. Espero que daqui a quatro anos, no centenário de nascimento dele, possamos estar reunidos

novamente, não só aqui no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, casa que ele honrou, mas também em outros espaços públicos, quem sabe até na escola estadual lá em Jardim Camburi que tem o nome dele, pois vidas como essas não podem ser esquecidas. São os renatos pachecos que nos fazem continuar acreditando no ser humano. Que nos dão a esperança, e a certeza, de que o mundo tem jeito. São aqueles que plantam a semente da boa vontade, que nos ensinam, através da própria conduta, a respeitar e a tratar a todos com dignidade, sem distinção de raça, credo ou condição social.

Dessas pessoas nascem no coração de cada um de nós os frutos sadios que ao longo das gerações germinam nos homens e mulheres as boas aventuras. Renato Pacheco foi uma dessas pessoas, sempre correto e pensando no seu semelhante, deixando de fazer por si para atender outrem. Tenho certeza de que os senhores e senhoras aqui estão participando deste evento porque comungam desse mesmo pensamento.

Só nos resta, portanto, ao prestarmos essa homenagem, fazermos a nossa parte na prática, sendo dignos de termos tido o imensurável privilégio de conhecer, conviver e ser amados por Renato José Costa Pacheco, meu pai.

Tenho dito!

20 ANOS SEM PAPAÍ¹

Guilherme Bonfim Pacheco²

Nosso pai, como bom leitor que era, incentivava o hábito de leitura nos filhos. Quando morávamos na rua 7 de setembro, eu devia ter uns 09 ou 10 anos, ia aos sábados com meu pai caminhado até a Livraria Âncora na ladeira Nestor Gomes, onde papai tinha um encontro com amigos. Não me recordo se este era um hábito compartilhado com meus irmãos, um filho sendo levado junto a cada sábado. Fato é que na minha memória, era sempre um encontro meu com ele. Na livraria, eu tinha permissão de escolher algo, um artigo de papelaria, coisas que eu sempre adorei, ou um livro. Meu pai sentava-se junto a três ou quatro amigos enquanto eu passeava pelas prateleiras e observava a manhã de sábado de um lugar seguro, um lugar próximo do pai. Mesmo sem prestar atenção ao que falavam, admirava a facilidade com que discutiam sobre os fatos cotidianos na busca de soluções para os problemas do mundo. Na volta para casa, sempre parávamos numa pas-

¹ Texto escrito em fevereiro de 2024.

² Graduado em Letras-Inglês pela UFES. Mestrado em Educação pela Universidade de Chichester, Inglaterra. Trabalha com formação de professores em contextos bilíngues. Tem formação em psicoterapia corporal pelo International Institute of Bioenergetic Analysis (IIBA) com sede em Barcelona.

telaria para tomar um caldo de cana e comer um pastel. Papai, guloso que era, se permitia comer dois, mesmo sabendo que estávamos voltando para casa onde encontraríamos minha mãe e meus irmãos e almoçaríamos todos juntos.

Sempre que podiam, papai e mamãe costumavam visitar Ana Lúcia, minha irmã mais nova e casada com um americano, que vivia em Baton Rouge na Luisiana. Em uma dessas viagens foi até Oxford no Mississippi só para visitar Rowan Oak, a casa que William Faulkner comprou e reformou nos anos 50 e que hoje funciona como museu que homenageia o grande romancista. Tudo que sei de Faulkner, eu devo a papai, admirador incondicional do autor de *Luz em agosto*, livro que lemos juntos. Eu admirava a estrutura narrativa complexa do livro, duas estórias contadas ao mesmo tempo. (Quanta genialidade!) Papai, com mais maturidade e mais senso de História, me chamava atenção para as questões raciais dos estados do sul, as questões de identidade e moralidade que motivavam as ações dos personagens, a pobreza dos estados sulistas, como que a dizer: Aqui tem muito mais que um livro bem escrito. Papai voltou dessa viagem com um saquinho plástico de supermercado cheio de terra e pedregulhos. Mandou fazer uma caixinha de madeira com tampa de vidro e colocou tudo dentro. Depois escreveu em uma etiqueta “terra e seixos – Casa de Faulkner”. Um artefato arqueológico de valor inestimável dentro do seu próprio mundo.

Um dia, quando já morávamos na Mata da Praia, fomos até Santa Teresa comer *agnolini* e passar o dia na terra natal de mamãe. Nossa casa tinha portas de vidro e, quando voltamos, descobrimos que a casa havia sido arrombada. Entre as poucas coisas roubadas, estavam algumas joias de minha mãe, relíquias de família. Minha mãe, Católica, esbravejou contra o mundo e contra Deus. Queria que a ira divina punisse aqueles sem-vergonhas de forma cabal e inequívoca. Caiu de cama. Somatizou tanta raiva que teve uma pneumonia. Meu pai, que era declaradamente agnóstico e não frequentava a igreja, estava bem mais próximo dos ensinamentos de um Cristo. Assistiu a todo aquele drama dando o apoio que sabia que sua esposa amada precisava naquele momento. Quando sentiu que havia prontidão, que havia a possibilidade de escuta, sussurrou no ouvido e no coração de mamãe: “Perdoa seus malfeitores. Eram só joias. Quase nunca saíam do armário. Sua vida e sua saúde são muito mais valiosas que isso.”

RENATO JOSÉ COSTA PACHECO, MEU PAI¹

Renata Bomfim Pacheco²

- Meu pai era bondoso e um genuíno cristão.
- Meu pai era guloso, amava torta capixaba e ficava super mal-humorado quando estava com fome.
- Meu pai era um péssimo motorista e, se espirrasse quando ao volante, fechava os olhos momentaneamente e... batia com o carro.
- Meu pai amava o Arquivo Público do Rio de Janeiro, onde passava horas pesquisando.
- Meu pai amava ser professor e prestigiava os encontros na livraria Âncora e na Logos.
- Meu pai odiava o tabagismo e fazia ferrenha campanha contra.
- Meu pai amava o seu povo, o brasileiro e o capixaba.
- Meu pai incentivava a todos que o procuravam para que sonhassem, tentassem, realizassem...
- Meu pai amava os seus pais Filó e Valu e seus irmãos, Geraldo, Rogério e Carlos Augustus.
- Meu pai amava a sua Nossa Senhora da Penha e a ela se socorria nos momentos de aflição.
- Meu pai amava o Flamengo.

¹ Texto escrito em fevereiro de 2024

² Juíza de Direito do Tribunal de Justiça de Minas Gerais.

- Meu pai era fascinado pelos seus sete netos e, tenho certeza, seria mais ainda, pelos bisnetos.

- Meu pai amava, sobretudo, a sua “Tilda”, a trentina de cabeça dura e os quatro filhos que o casal gerou.

MESTRE RENATO PACHECO¹

Francisco Aurelio Ribeiro²

“Agora tudo é novo e ao longe nos conduz.”

Conheci-o, na década de 60, em Guaçuí. Eu, um menino, aluno do Ginásio São Geraldo, ele, juiz e professor de Português. Por isso, ele foi, sempre, para mim, o professor Renato Pacheco e a ele recorri sempre que precisava aprender, um pouco mais, sobre o Espírito Santo e os capixabas.

Em nosso último encontro, no IHGES, no dia 10/03, no lançamento das crônicas de Carlinhos Oliveira, ele me deu dois últimos conselhos: que cuidasse da saúde e que concluísse minha **História da Literatura do Espírito Santo**, de Afonso Cláudio a nossos dias. Prometi-lhe fazer as duas coisas.

Agora, o céu deve estar em festa. O furdúncio está animado. Mestre Guilherme relata a última versão da “Nau Catarineta”; Hermógenes conta mais um “causo” da Barra; Miguel Tallon comenta o último livro de Mia Couto ou do Saramago; Ivantir afirma que concluiu a **História da Educação no Espírito Santo**, mas ninguém acredita, quando chega Renato, de sorriso largo, voz rouca e dá um abraço apertado nos eternos amigos.

¹ Professor e escritor. Doutor em Literatura Comparada pela UFMG. Ex-presidente da Academia Espírito-santense de Letras.

² Texto publicado no Jornal *A Gazeta* de 18/04/2004.

— Veio logo, hein, Renato?! Diz-lhe Ivantir.

E todos os outros:

— Só faltava você pra banda de congo tocar: “Iaiá, você vai à Penha? Me leva, ô, me leva”.

Conforme afirma Andréia Delmaschio, em **Nomes pra viagem**, conhecer a obra de Renato Pacheco é, sem dúvida, conhecer um pouco do Espírito Santo”. Renato Pacheco, nascido em Vitória, em 1928, e aqui tendo morrido, neste 2004, é um escritor capixaba, por excelência. Todas as terra têm os seus cantores,/literatos, em todas as épocas. Renato Pacheco é o nosso escritor. Ele fez disso um projeto de vida e o realizou.

Em sua obra romanesca, por exemplo, retratou o nosso primeiro donatário, Vasco Fernandes Coutinho, em **Vilão farto** (1991) e **Eu vi nascer o Brasil** (1997). Em **A oferta e o altar** (1964), seu primeiro romance, ficcionaliza a vida interiorana e as intrigas políticas em uma cidade à beira-mar do norte capixaba. **Fuga de Canaã** (1981) é um diálogo intertextual com o primeiro **Canaã**, o de Graça Aranha (1902), obra que prefaciou em seu centenário. **Reino não conquistado** (1984) reconstrói a formação da família burguesa capixaba, do séc. XIX ao XX. **O centauro enlouquecido e o pintor amante** (1998) é uma novela fantástica assim como **Pedra menina** (1999), uma história passada nas montanhas do Caparaó.

Em suas obra não ficcionais, em parceria com os amigos Luiz Guilherme S. Neves, Reinaldo S. Neves

e Léa Brígida de A. Rosa, escreveu sobre: **Espírito Santo: minha terra, minha gente** (1986); **Espírito Santo: impressões** (1991); **Ecoporanga** (1992); **Índice do folclore capixaba** (1992); **Espírito Santo, Brasil** (1994); **Norte do Espírito Santo: ciclo madeireiro e povoamento** (1996).

Dentre suas crônicas, destacam-se **Dias antigos** (1998) e de sua obra poética, iniciada com **Poesia entressonhada**, em 1948, dedicada a Jorge Lima, seu professor e que o influenciou, poeticamente, em toda a sua vida, segue-se **Presentes de Natal para três pessoas simples**, 1968, os **Cantos de Fernão Ferreiro** (1985), sua melhor obra poética, além de várias obras dispersas reunidas na antologia **Porto final** (1998), organizada por Reinaldo Santos Neves.

Renato Pacheco era o decano da Academia Espírito-santense de Letras, onde entrou em 13/05/1949 e, no IHGES, entrou no dia 11/04/1953. Seus cinquenta anos de IHGES e 75 anos de vida foram comemorados, festivamente, no IHGES, em dezembro de 2003, com o lançamento de **O reino conquistado**, estudos em homenagem a Renato Pacheco, org. de Fernando Achiamé & Reinaldo Santos Neves. Em vida, teve os louros que mereceu; agora, a festa é no céu. E dá pra ouvir, daqui, o baticum lá de cima.

O CANTO DO RE-NATO¹

Oscar Gama Filho²

A maior missão de um escritor é fazer-se literatura, tornar-se literatura. Escrever bem qualquer um consegue. O diferencial é conseguir metamorfosear-se em *O Escritor*, transformar-se em matéria-prima de lendas, em homem santo da religião sem deus dedicada à adoração do hegeliano espírito da literatura, entronizar-se como *Filho do Absoluto*.

O trabalho de Renato Pacheco contribuiu decisivamente para estruturar a identidade cultural capixaba. Criou nossa primeira editora, as Edições Renato Pacheco. Participou da Academia Capixaba dos Novos, da Academia Espírito-Santense de Letras, da Comissão Espírito-santense de Folclore, da Fundação Cultural do Espírito Santo, do Instituto Histórico e Geográfico local, da Fundação Ceciliano Abel de Almeida e do Grupo Letra, cujo convívio, segundo ele mesmo, o conduziu, a partir de 1981, à sua segunda e melhor fase como escritor.

¹ Texto escrito em março de 2014.

² Oscar Gama Filho é capixaba de 1958. Versátil escritor, ficcionista, dramaturgo, historiador, compositor e ensaísta. Publicou *Teatro romântico capixaba*, história (1987); *O despeçado ao espelho* (1988), poemas; *Razão do Brasil, crítica e história* (1991); *Ovo alquímico* (2016); *Metacrítica— questão de método, ou nova interpretação da “História da literatura brasileira”*, de Carlos Nejar (Academia Brasileira de Filosofia, 2023), *História da literatura do Espírito Santo* (Edufes, 2023).

Em *Cantos de Fernão Ferreiro e outros poemas heterônimos* (Vitória, Fundação Ceciliano Abel de Almeida/Ufes, 1985), Renato Pacheco sentou nos ombros de Ezra Pound, de Fernando Pessoa e de Jorge de Lima. Assim ombreado, equiparou-se a eles. Os heterônimos pessoanos e a escrita ideogrâmica de Pound foram batidos pelo ferreiro com o explosivo gelo quente vulcânico de Jorge de Lima e se converteram no seu melhor romance, uma obra-prima que lhe garante vaga na imortalidade.

O livro inspirador, de acordo com sua “*nota prévia*”, foi *The Cantos*, de Ezra Pound, de onde parte seu compromisso em ser vanguarda, descrito pelo verso que tanto inaugura quanto encerra a obra: “Agora tudo é novo e ao longe nos conduz”. Seus limites são o novo.

Sim, romance, mesmo em verso. Romances pertencem ao gênero épico, são epepeias como a Odisseia, de Homero, escrita na métrica greco-latina, que não empregava a rima. Os *Cantos* se passam em uma viagem empreendida em um navio e a ação é narrada de maneira discursiva e detalhada por Fernão Ferreiro, cuja grandiloquência enobrecedora age até mesmo sobre o cotidiano e o comum, revitalizando-os pela beleza.

Estrutura-se com princípio, meio e fim e se divide em 81 *Cantos* mais ou menos intercambiáveis no seu conjunto e totalmente independentes entre si, em virtude do método ideogrâmico criado por Pound.

No método ideogrâmico, um conjunto de duas ou mais palavras ou ideias propõe, por meio da interação das relações comuns aos elementos, outro novo sentido que difere da soma individual de cada uma das palavras ou ideias.

Como em Pound, a submersão no mistério das inúmeras citações efetuadas no poema pode nos levar a olhar em volta e a mergulhar nos enigmas que nos rodeiam, pequenas bolas de luz no meio do universo escuro que se infinitiza. Tal qual fazemos com as estrelas, não devemos nos preocupar com o seu significado ou com a sua compreensão. Em arte, o único esclarecimento necessário é a intuição de estar com mais coisas na saída da obra do que na entrada. Se essa fruição estética chegar, será o bastante para ouvir estrelas falarem.

Esse é um poema épico regional: o centro do mundo é o Espírito Santo (o ponto comum a todos os conjuntos) e o centro do Espírito Santo é Fernão Ferreiro (Canto 30), já que é a partir desses dois centros que o poeta lança seu olhar aos arredores constituídos pelo resto do planeta.

Seu compromisso, dizia ele, sempre foi o de escrever sobre o Espírito Santo, só sobre o Espírito Santo, basicamente o Espírito Santo. Essa atitude o transformou no principal escritor regionalista capixaba.

E, sim, existe uma literatura capixaba baseada apenas no **critério geográfico**, o único logicamente aceitável. Os elementos estilísticos ou lexicais não

são suficientes para classificar uma literatura em brasileira, nordestina, baiana, capixaba, americana, inglesa ou italiana. Grandes artistas produziram esse efeito ilusório em lugares em que havia um **capital cultural** poderoso o bastante para alavancar seus autores.

Pela teoria da intertextualidade, todos os escritores escrevem um só livro desde o princípio dos tempos até o futuro. À luz da teoria do intertexto, não existe divisão do mundo em diferentes escolas literárias. Os dados técnicos originais se perdem no tempo e o simples uso do mesmo alfabeto já é intertexto com influências inevitáveis, pois cada língua nos obriga, ditatorialmente, a dizer algo diferente sobre a mesma coisa primitiva criada há 6.000 anos. Qualquer coisa é a mesma coisa e não há nada de novo sob o Sol.

A solução lógica é que o geográfico esteja por trás de cada divisão do Brasil em literaturas diversas, pois o argumento estilístico não resiste a uma análise mais profunda. Portanto existe literatura capixaba, sim, e Renato a descobriu e foi um dos seus inventores.

Só como exemplo: são grandes artistas, como Shakespeare, que produziram a literatura inglesa. Mas ele poderia ter ajudado a criar a literatura italiana com obras parecidas e com recursos técnicos similares se tivesse nascido na Itália e se sua língua fosse o italiano: *Otelo*, o mouro de Veneza, bem como *Romeu e Julieta*, são temas típicos da Itália.

Em Verona existe até a casa de Julieta, criada para turistas e sabidamente falsa.

Dois fatores produzem o que se chama de literatura italiana ou inglesa:

1- A qualidade excepcional dos artistas dentro de uma unidade geográfica que os definiu *a priori* como italianos ou ingleses, obrigando-os a falar dentro do que a possibilidade da língua determina;

2- O capital cultural circulante, como havia em Florença. De que adiantaria Shakespeare, com toda a sua genialidade, ter nascido no Brasil pobre e subdesenvolvido, como foi o caso de Machado de Assis?

Defino capital cultural como a quantia que, derivada direta ou indiretamente do enriquecimento de uma sociedade, é empregada no setor cultural, levando a um aumento de suas atividades.

Quando Renato Pacheco escreve um haikai no Espírito Santo, cria um poema da literatura capixaba. Os haicais japoneses são caracteres gráficos impressos em uma única linha vertical. Não há haicais como os nossos no Japão: esta palavra é uma transcrição, em português, de sua grafia, 俳句, que pode ainda ser *haikai* ou *haiku*. A métrica ocidental lhes concedeu 3 versos e a escansão 5-7-5. Se a análise levar em conta apenas o critério da origem da técnica, os haicais de Renato não pertencem a cultura alguma: não são japoneses, certamente, pois não foram escritos com ideogramas dispostos em uma só linha vertical.

No critério geográfico, se o autor nascer no Espírito Santo, como Rubem Braga, sua literatura é capixaba. Se a obra versar sobre um tema capixaba, como o *Canaã*, de Graça Aranha, ela faz parte da literatura capixaba.

Mesmo aos 75 anos Renato Pacheco possuía cabelos fartos e brancos em um corpo volumoso mas ágil. Não é mera coincidência que seu nome signifique renascido. Parecia querer reproduzir a estampa da imortal Moby Dick, antes um grande cachalote branco luminoso que no passado derrotou o mal da ignorância e da feiura, encarnado nos Ahabs da vida.

Esta baleia, matéria-prima de lendas, tal como Renato, perdeu as carnes na luta que venceu. Mas ambos cumpriram a maior missão de um ser, que é fazer-se literatura, tornar-se literatura. Manteve a memória da guerra na alma esculpida em seu esqueleto, que, visto de longe, parece com estrofes de versos ricamente melódicos e ritmados, tendo ao fundo belíssimas metáforas e imagens.

E, após seu passamento, seus ossos, tais qual o do agora Santo Anchieta, passaram a fazer milagres, pois registraram em qubits as batalhas enfrentadas pela descomunal baleia que um dia desejara apenas acompanhar o navio, embelezando a sua viagem com saltos e malabarismos poéticos. Mas quando, sob a forma de um leitor, o vento sul bate, tira deles uma canção ilusória, sedutora e pacífica capaz de curas quânticas tão absolutas quanto as de relíquias de santos.

Ao escritor tudo é permitido em nome da literatura. A abrangente obra de Renato Pacheco é o sonho de um escritor completo, pois envolve poemas, romance, história, contos, jornalismo, geografia, direito, crônica, crítica, memorialismo, ensaios, edição de livros, tradução, sociologia, antropologia, filologia, cultura popular, magistério, folclore e a generosidade de seus gestos pessoais, em que todos são bem recebidos, pois são inacreditavelmente fraternos, com os braços cheios de amor, fraternidade, esperança e perdão, como deve ser a literatura, como deve ser qualquer gesto real ou estético produzido por um escritor. A determinação e o brilho de seu caminho literário e humano fizeram com que Renato deixasse de ser mais um na multidão e o transsubstanciaram em *O Escritor*. A marca de seus passos o segue.

O MAGISTRADO RENATO JOSÉ COSTA PACHECO¹

Sebastião Teixeira Sobreira²

Nascido em Vitória, no dia 16 de dezembro de 1928, magistrado, professor da Escola da Magistratura e da Universidade, historiador, poeta, folclorista, Renato José Costa Pacheco foi escritor de vários livros e prestou destacados serviços aos capixabas.

Neste Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, ao qual pertenceu, foi seu presidente e, após deixar o cargo, ficou como seu presidente de honra.

Mas a personalidade que hoje quero homenagear neste Instituto é o magistrado Renato Pacheco, que nos deixou de forma repentina, aos 75 anos de idade, nesta Capital, no dia 18 de março do corrente ano de 2004.

Nessa condição, se destacou Renato Pacheco como juiz, culto, inteligente, de conduta ilibada, comportamento irretocável, deixando em cada alma um amigo, em cada jurisdicionado um admirador.

Quando fui o presidente da Associação dos Magistrados do Espírito Santo (Amages), na década de 70, Renato Pacheco era meu secretário geral. Desta-

¹ Texto escrito em novembro de 2004 e publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo* n.º. 58, de 2004.

² À época da publicação o autor era desembargador aposentado e vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

cou-se na área de promoções da nossa Associação. Mesmo depois de aposentado, continuou envolvido com a Amages e outras entidades da Justiça. Foi um colaborador eficiente.

Dou a Renato, por seu dinamismo, a condição de primeiro juiz a presidir a Amages, até então somente dirigida por desembargadores. Tive o prazer de encaminhar o processo que mudou essa história e o conduziu à direção de nossa entidade classista, iniciando o período de alternância entre juízes e desembargadores.

Vários eventos foram idealizados e coordenados por Renato Pacheco. Ele idealizou e coordenou o I Congresso Brasileiro de Magistrados, que realizamos em Vitória, em 1973.

Foi nessa época que propôs a criação da Escola da Magistratura para, a exemplo do papel desenvolvido pela Escola Superior de Guerra, criar um pensamento jurídico nacional.

Os colegas que participaram do Congresso rejeitaram a proposta, alegando que os juízes já fizeram o concurso e que não precisavam de mais nada. Renato Pacheco não desanimou. No segundo Congresso, em Petrópolis, em 1974, levou de novo a mesma proposição e insistiu com ela. Novamente, foi recusada.

Mas havia um fato em andamento. No nosso primeiro Congresso em Vitória, trouxemos o então Ministro do Supremo Tribunal Federal, Aleomar Baleeiro, concedendo-lhe a “Medalha do Mérito Judi-

ciário Muniz Freire”, comenda idealizada pelo Renato Pacheco. Ficamos amigos do Ministro.

Quando da reforma constitucional de 1988, o então Presidente José Sarney constituiu a comissão de 25 notáveis para conduzir o assunto e o Baleeiro era um desses notáveis.

Renato Pacheco lembrou-se disso e mandou para o Baleeiro uma carta defendendo a inclusão da Escola da Magistratura na Constituição Federal. O Ministro Aleomar Baleeiro propôs e a ideia foi aceita.

E então, a Escola da Magistratura, ideia totalmente do Renato Pacheco, não apenas entrou no capítulo da Constituição Federal, que trata da organização do Poder Judiciário, como também na Lei Orgânica da Magistratura. E está em vigor.

Para a reforma do Código do Processo Civil, em 1974, Renato Pacheco idealizou e realizamos seminários no centro, no norte e no sul do Estado para debater o assunto.

Quando fui presidente do Tribunal de Justiça do Espírito Santo, entre 1984 e 1985, Renato Pacheco deu nova roupagem à Revista da Jurisprudência do Tribunal e ao Ementário de Jurisprudência.

Tínhamos grande afinidade com os temas relacionados à infância. Por isto, a primeira medida que tomamos, a Resolução N° 1, baixada por mim, foi criar a Coordenação Especial para Assuntos da Família e do Menor (CEFAM), aprovada por unanimidade pelo Tribunal Pleno.

Mais tarde criamos a Sociedade Homem do Amanhã, para tratar da problemática do menor carente.

E foi Renato Pacheco quem elaborou o Estatuto dessas duas entidades.

Em abril de 1985, resolvemos promover o I Encontro Nacional de Presidentes de Tribunais de Justiça do Brasil e o Renato Pacheco foi o Coordenador do evento, quando foram apresentadas sugestões para a reforma do Poder Judiciário para o capítulo do Judiciário na Constituição Federal de 1986.

Levamos pessoalmente, numa comissão de cinco Presidentes de Tribunais de Justiça, a proposta ao Presidente Sarney. A comissão de notáveis, da qual participava o Aleomar Baleeiro, acatou as idéias e muitas das sugestões da Carta de Vitória, passaram a compor a Constituição Federal, inclusive a criação da Escola da Magistratura.

Mais tarde, a Associação dos Magistrados Brasileiros resolveu criar o Conselho Permanente de Presidentes de Tribunais de Justiça em vez de realizar encontros como o que realizamos em Vitória, mas a ideia partiu do Renato Pacheco.

Coube aos Estados criarem suas Escolas de Magistratura, para preparação de candidatos ao ingresso na magistratura e aperfeiçoamento dos Juízes.

E os primeiros, pela ordem, foram Rio Grande do Sul, São Paulo e o Espírito Santo, quando eu era o presidente do Tribunal de Justiça em 1985, através

da Resolução Nº 4, aprovada à unanimidade pelo Tribunal Pleno.

E, nada mais justo: Renato Pacheco foi o primeiro Diretor da Escola da Magistratura por ter sido seu idealizador. Caminhamos juntos.

Extremamente criativo, Renato Pacheco costumava dizer-me “Sobreira, eu vou planejar e você vai executar.”

Ele era assim, um homem de ideias e de ideais. Assim vivíamos. No final, as ideias dele eram boas e exequíveis. Por isso sempre davam certo.

Apesar desse perfil realizador, Renato Pacheco não tinha ambições e por isto nunca foi desembargador. Era um homem simples, humilde e humano. Mais tarde foi Assessor Jurídico do Tribunal, mas tudo o que ele queria era viver e ensinar a viver.

Renato Pacheco foi um símbolo da cultura capixaba, não apenas no exercício do magistério, mas também dentro do Judiciário.

RENATO PACHECO¹

Tatiana Gianordoli Teixeira²

Trabalhamos juntos no TJES. Renato Pacheco, Assessor Jurídico da Presidência. Eu, como jornalista e sob sua batuta, na Assessoria de Comunicação desse Tribunal, algo inédito até aquela ocasião. A criação foi ideia sua apresentada à presidência. Quanta responsabilidade e honra! E desde então nosso convívio se fez constante.

O quanto aprendi e fui, por ele, impulsionada, jamais saberei quantificar. Para mim, sua maior vocação era compartilhar o saber, o que fazia com a maestria e humildade que somente um sábio sabe assim realizar. Pessoa simples, educada, respeitadora, portadora de enorme conhecimento nas ciências humanas, sociais, no Direito, na neurociência, nas artes, na cultura como um todo. Não havia uma área do saber em que ele não estivesse aberto a refletir em sentido amplo.

Nobre na paciência e comigo tinha muita (risos), vez que eu o demandava, igualmente, muito. Em função disso, certa vez, às gargalhadas, disse: *“pena eu não poder te abater no meu imposto de renda, porque você me dá trabalho!”* (muitos risos). Como jornalista de formação e diante da oportunidade de estar, diariamente,

¹ Texto escrito em fevereiro de 2024.

² Graduada em Comunicação, Mestra e Doutora em Semiótica. Jornalista e pesquisadora. Ex-servidora do Tribunal de Justiça do Espírito Santo.

convivendo com uma pessoa de tamanha envergadura, perguntas era o que mais fazia a ele. Um professor a iluminar e libertar minha mente, conceder-me a importância do pensar, do pesquisar. Aquela cabecinha branca, a lembrar-me um carneirinho, iluminava os meus olhos. Isso, quando ele não cismava em fazer o que chamava de “*corte econômico*” e a raspava (risos), deixando à mostra o rosado de sua cabeça que o cabelo encobria, o que me fazia rir muito e pedir-lhe que não mais fizesse esse modelo de corte.

Eu conheci o jurista, o historiador, o escritor, o professor e o conselheiro Renato Pacheco, não só para celebrar as conquistas, mas para dividir as tristezas e muito perguntar sobre o que e como fazer diante de novas ideias e desafios quanto às minhas incertezas. Com ele, eu me sentia considerada, valorizada. Ensinou-me a enfrentar as dúvidas e seguir o caminho da pesquisa acadêmica. Assim o fiz. E quando ele já não estava mais conosco, agradei ao meu inesquecível Renato Pacheco, por ter tatuado em mim as ricas e longas conversas sobre passado, presente e futuro pessoal e acadêmico, e o valor da busca pelo conhecimento. De onde está agora, receba, com afeto, o meu eterno obrigada!

Nunca haverá, para mim, ausência de Renato Pacheco. Ele está sempre no coração de quem, como eu, o traz nas inúmeras memórias, com enorme respeito, carinho e admiração. Para mim são 20 anos **com** Renato Pacheco!

RENATO PACHECO, O ESCRITOR CAPIXABA DE MÚLTIPLOS DONS¹

Ester Abreu Vieira de Oliveira²

Eu era aluna do Curso de Letras Neolatinas na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Espírito Santo (FAFI, que passou para Centro de Estudos Gerais da Ufes). Numa manhã, em que estávamos em uma aula de português com o Professor José Leão Nunes, um jovem professor do Curso de História da FAFI, possuidor de uma agradável fisionomia e voz, nos veio convidar para assistirmos a um curso sobre Machado de Assis, que a Academia Espírito-santense de Letras (AEL) oferecia. Lá estive e pude apreciar a aula que nos ofereceu o Professor Renato Pacheco, que nos havia convidado.

Era Renato Pacheco professor de História, mas um grande literato. Mas como a História pode se entrelaçar com a literatura, ele, no canto que faz à Espanha, na obra *Bilhete para Cervantes*, que escreveu em 1947, faz um lamento ao país de Cervantes quando esse ainda se encontrava despedaçado pela guerra civil de 1936. Segue um fragmento:

¹ Texto escrito em fevereiro de 2024.

² Doutora em Letras. Professora aposentada da Universidade Federal do Espírito Santo. Presidente da Academia Espírito-santense de Letras.

Espanha dorme!
É preciso acordar Espanha...
Das cinzas do passado há de ressurgir/Espanha!

Levanta Cervantes!/ Alcalá de Henares é uma prisão.

Lá onde nasceste é sórdida masmorra
Onde jazem irmãos teus.

Tu que prisioneiro em Argel

Não te conformaste,

Aceitas isto agora sem lutar?

[...]

Vem Cervantes.

É preciso acordar a tua Espanha

Que dorme. Vem depressa...

Senão os pobres jovens de Madri

Não poderão ler o teu Quixote!/[...] (p. 7, 9).

Segundo Reinaldo Santos Neves, na introdução de *Porto final* (p.11), em *Bilhete para Cervantes*, a obra

[...] é um poema político (descrito em subtítulo como ‘tentativa de poema social ...’, com reticências e tudo), em que o poeta, bem à la Castro Alves, invoca Cervantes a que, general que é, se junte à marcha triunfal para acordar a bela Espanha adormecida – ou direi, entorpecida? – da época do regime franquista.

Em seus romances como *Fuga de Canaã: Decadência de uma família alemã no Brasil* (1981), no qual retoma o tema de Graça Aranha, de uma tragédia

ocorrida no ES, em Santa Leopoldina, com imigrantes alemães, e *Reino não conquistado* (1984), saga de um viajante escocês que esteve na terra capixaba no fim do período colonial, e história de seus descendentes, Renato Pacheco se mostra o ficcionista que, baseado em dados históricos, recria paisagem e vultos verossímeis.

Apesar de ser grande conhecedor da História Geral, do Brasil e do Espírito Santo, Renato conhecia uma variedade de escritores poetas e romancistas de épocas e de países diferentes. E o poeta lírico declarará em “Poesia na Estante” (*Canto de Fernão Ferreira*, p. 137):

Na estante estão Jorge de Lima, Manoel
Bandeira,
Cecília Meireles e Vinicius, ao lado de Lorca
e Fernando Pessoa.
Estão também, Tiago de Melo, Ferreira
Gular
e Ascenso Ferreira.
Na estante estão Geir Campos, Audifax de
Amorim,
e todos os do Grupo Letras.
Ali já estiveram Eliot, Pound (comprado a
meia)
e Dante.
Quase chego a dizer que nesta estante está
a poesia.
Ela teima, porém em não estar.
A procura continua tão eterna quanto o
instante que passa.

Renato, leitor habilidoso e narrador exímio, declara que

[...] para escrever um romance a gente deve a tantas fontes que é difícil dar todos os créditos corretamente.

Há modelos que se não foram alcançados, culpe-se o autor e sua ambiência: Thomas Mann, Roge Martin du Gard, Virginia Woolf, Marguerite Yourcenar, Érico Veríssimo. Os anônimos jornalistas vitorienses, os viajantes do século passado, os historiadores capixabas, a crônica familiar, tantas são as raízes ficcionais que melhor deixar aqui um MUITO OBRIGADO à Vida, por ser vida e por estar sendo vivida. [...]

(*Reino Não conquistado*, p. 211)

Renato Pacheco, um literato capixaba de inegável relevância, cativava o auditório pela voz, aparência cativante e intensidade de conhecimentos. Autor de muitas obras de gêneros diversos, sobre temas variados, sendo os mais frequentes os que tangiam a história, vida, sociedade, paisagens do Espírito Santo.

Humildemente, em *Eu vi nascer o Brasil* – (no interior da capa) expõe sua preocupação perfeccionista: “[..] por dever de ofício, tenho quebrado a cabeça para procurar a palavra certa que expresse corretas e claramente, meu pensamento.”

Ao escrever, mascarado de outro, um caso raro na literatura produzida no ES, Renato utilizou três heterônimos: Fernão Ferreiro, Fausto Barbosa, e Antônio Reis. E como Fernão Ferreiro dá o seu testemunho criativo:

Dou testemunho de palavras jamais ditas
ou pensadas.
Dou testemunho de sons nunca ouvidos, de
luzes não vistas.
Dou testemunho de sabores novos e chei-
ros do além.
Dessas sensações polidimensionais dou tes-
temunho.
(*CANTOS DE FERNÃO FERREIRO*, p.
49)

Em Profissão de fé, Renato declara a sua poética:

Em meus poemas cantarei somente
o lado bom de todas as coisas,
como as crianças pobres que lutam e
que vencem.
Terei, também, uma palavrinha de alegria
para todos os infelizes que choram
pelos caminhos do mundo
(*26 Poemas da montanha*. p.13)

Nas salas dos professores do Colégio Estadual do Espírito Santo e da Fafi, onde lecionava, era um prazer ouvir as suas notícias, sempre novas, sempre atuais, e a sua estrondosa gargalhada. Admirava-me o carinho, a admiração, o respeito, que ele apresentava para com o prof. Guilherme Santos Neves, durante o nosso recreio escolar. Depois que passamos para o IC2, no Campus de Goiabeiras da Ufes, o Departamento de História era no segundo andar, o meu encontro com ele era menos frequente, mas muitas vezes cruzava-me com ele ou ele ia à sala do Departamento de Letras para papear.

Sempre o prof. Renato Pacheco foi muito atencioso para comigo, convidou-me várias vezes para participar de antologias e incluiu-me em eventos. Destacava-me como professora e, primeiro, como presidente da Associação de Professores de Espanhol, e depois como acadêmica e pertencente ao IHGES. Muito simples e amável, estive com meus alunos no Colégio Estadual para falar de sua obra *A oferta e o altar*, que meus alunos tinham lido como tarefa didática. Sua presença e seu diálogo com os alunos foi um acontecimento agradável e produtivo. Nas reuniões do IHGES e nas da AEL estava sempre presente e atuante.

Quando fui aceita como membro da AEL foi o Prof. Renato Pacheco que me orientou sobre a cerimônia e me deu o livro sobre a AEL de Elmo Elton e foi com ele, junto com Luiz Busatto e Neida Lúcia Moraes, que se deu a minha entrada na sala de cerimônia de posse no auditório de *A Gazeta*.

Certa vez, o Conselho de Cultura do ES foi a Dores do Rio Preto e, quando subíamos a serra do Caparaó, o Prof. Renato apontou a Serra Menina. Como me interessei pela visão magnífica da paisagem ele me fez notar que o maciço de pedra cor azulada tinha a forma de uma mulher deitada e relatou a lenda que envolvia esse paredão que se destacava entre o verde. Mas, como Gabriel Bitencourt, que se encontrava nesse grupo, me perguntou se eu já tinha lido a obra *Pedra menina*, do Prof. Renato, minha

curiosidade foi despertada e fui procurar esse livro para lê-lo. É o sétimo romance do Prof. Renato, com 65 páginas. É uma produção da coleção Almeida Cousin do IHGES, que ele dedica a Miguel Depes Tallon, a Xerxes Gusmão Neto, ao Dr. Renato Lyrio Morelato e a Francisco Aurelio Ribeiro.

Em uma cidade fictícia, Pedra Menina, acontecerá um drama, semelhante ao que aconteceu em outras cidades deste nosso Planeta. A cidade desaparecerá, em virtude de uma construção de uma hidroelétrica. O narrador era o delegado Reginaldo Salles Pereira, registrado primeiro como Milton Nunes. Seu nome foi mudado depois do assassinato dos pais, quando foi vendido para um cigano, a troco de um cavalo. Adotado depois por um pastor, tornou-se Reginaldo Salles Pereira. Os nomes geográficos e próprios na obra, ainda que se assemelhem a de pessoas conhecidas, fazem parte da ficção e tornam a história mais verossímil.

Por fim, falar de Renato José Costa Pacheco (Vitoria 16/12/1928- 18/03/2004) de suas atividades: jornalista, folclorista, pesquisador, poeta, romancista, historiador, professor, magistrado e vice-reitor comunitário da Ufes; de suas participações em atividades culturais: Academia Capixaba dos Novos, Academia Espírito-santense de Letras, Instituto Histórico e Geográfico do ES; de sua extensa produção na qual o Espírito Santo é o tema central e dele ele trata em seus livros didáticos e infanto-juvenis; e de sua produção literária, bem divulgada, que foi es-

tudada significativamente por Andréia Delmaschio, Reinaldo Santos Neves, Miguel Depes Tallon, e Fernando Achiamé, não acaba aqui nestas linhas. Para essa produção não há ponto final, pois seus leitores farão os mais diversos e comentários.

Segue uma lista de suas obras por ordem de data de produção, sendo algumas delas realizadas em parceria com amigos.

Obras:

1. *Bilhete para Cervantes*. 1947.
2. *Poesia entressenhada*, 1948;
3. *Antologia do jogo de bicho*, Simões, 1957;
4. *A oferta e o altar*, romance, 1^a. 1964;
5. *Presente de Natal para três pessoas simples*, poesia, 1968;
6. *Fuga de Canaã*, romance, 1981;
7. *Reino não conquistado* (trilogia composta pelos romances *O manuscrito de Joseph Koster*, *Portal de ouro* e *Folhas ao vento*, 1984;
8. *Cantos de Fernão Ferreiro* e outros poemas heterônimos, poesia, 1985;
9. Em parceria com Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa e Luiz Guilherme Santos Neves, *Espírito Santo, minha terra, minha gente*, 1986;
10. Em parceria com Luiz Guilherme e Reinaldo Santos Neves: *Espírito Santo: Impressões*, 1991;
11. *Estudos espírito-santenses*, história, 1994;
12. *Norte do Espírito Santo: Ciclo madeireiro*

e povoamento, em parceria com Ivan Borgo e Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa, 1996;

13. *Vilão farto*, literatura juvenil, 1991, em segunda edição com o título *Eu vi nascer o Brasil, A vida dos primeiros tempos do Brasil colonial*, 1997;

14. *Bilhete para Cervantes*, poemas, 1997;

15. *Porto final*, Antologia poética, 1998;

16. *Os dias antigos*, história, 1998;

17. *Tião Sabará*, literatura juvenil, em parceria com Luiz Guilherme Santos Neves, 1998;

18. *O centauro enlouquecido e o pintor amante*, novela, 1998;

19. *26 Poemas da Montanha*, poema, com ensaio de Miguel Depes Tallon, 1998;

20. *Pedra menina*, novela, 1999.

21. *Tião Sabará, História de um menino escravo no tempo da independência do Brasil*; infantil. 1999;

22. Em parceria com Luiz Guilherme Santos Neves: *Ecoporanga, resgate da memória de um povo*, 1992;

23. *Índice do folclore capixaba*, 1994;

24. *Espírito Santo*, Brasil, 1994;

25. Para a série *Memória Viva*, da Prefeitura Municipal de Vitória, produziu, em parceria com Luiz Guilherme Santos Neves: *Catraieiros da baía de Vitória*, 1995;

26. *Desfiadeiras de siri da ilha das Caieiras*, 1996;

27. *Procissão de São Benedito em Vitória*, 1996;

28. *Festa de São Pedro na Praia do Suá*, com

a participação de Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa, 1996;

29. *Os bondes de Vitória*, 1997.

30. *Guia das praias capixabas: história e cultura dos municípios litorâneos do Espírito Santo; Dos comes e bebes do Espírito Santo*, 1997;

31. *Vila Velha da Senhora da Penha*, 1997;

32. Em parceria com Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa e Luiz Guilherme Santos Neves *História, geografia e organização social e política do município de Anchieta*, 1995;

33. *Norte do Espírito Santo: Ciclo Madeireiro e povoamento*. Em parceria com Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa e Ivan Borgo;

34. *Espírito Santo: nossa história, nossa gente*, 1997;

35. *O macaco louco* (Novum Moriae em comum) ensaio, 2000;

36. *Mão e obra: o artesanato do Espírito Santo*, Sebrae-ES, 2001;

37. Edição anotada do romance *Canaã*, de Graça Aranha, 2001;

38. Em parceria com Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa e Luiz Guilherme Santos Neves, *Cariacica: nosso município: Noções históricas e geográficas*, 2002;

39. *Estudos de sociologia da literatura*, 2003;

40. Em parceria com Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa e Luiz Guilherme Santos Neves, *Vila Velha: nosso município: Noções históricas e geográficas*, 2003.

41. *Mar de âncoras: o comércio exterior do Espírito Santo*, este com a participação de Geraldo Haesse, 2003;

42. *A cultura capixaba: uma visão pessoal*, 2004 (publicação póstuma)

43. *Penedo vai, Penedo vem, noções de folclore para crianças*, com ilustrações de Paola Sarlo, 2004. (publicação póstuma)

REFERÊNCIAS

PACHECO, Renato. *Pedra menina*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1999.

_____. *Ponto final: antologia poética*. Rio de Janeiro: Galo Branco, 1998.

_____. *26 Poemas da montanha*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1998.

_____. *Bilhete para Cervantes. Poemas*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1997.

_____. *Reino não conquistado*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida-UFES, 1984.

_____. *Cantos de Fernão Ferreira*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida. Ufes, 1985.

A DISCRETA IRONIA NO ROMANCE SENHOR KURTZ, MORTO, DE RE- NATO PACHECO¹

Luiz Guilherme Santos Neves²

É no site www.estacaocapixaba que pode ser lida a íntegra do romance *Senhor Kurtz, morto*, de Renato Pacheco.

Curiosamente, é leitura que deve ser iniciada pelo Apêndice devido à quantidade de informações necessárias ao perfeito entendimento do romance. Como, porém, esta descoberta só é feita depois que se chega ao Apêndice, eis aí uma admissível pitada de ironia que o autor reserva aos leitores. E é dessa discreta ironia que pontua o romance *Senhor Kurtz, morto* que eu pretendo ressaltar alguns aspectos ao ensejo dos vinte anos de falecimento de Renato.

Com efeito, pela leitura do Apêndice se fica inteirado de que o cenário do romance é o Espírito Santo. Mas não o Estado do Espírito Santo, e sim um país imaginário que, calcado no Espírito Santo, tem o nome de Santa Maria do Atlântico “república situada na ilha do mesmo nome, no oceano Atlântico, entre a África e o Brasil”.

¹ Texto escrito em maio de 2024, um dos últimos textos de autoria de Luiz Guilherme Santos Neves.

² Graduado em Direito e História, foi professor de História do Espírito Santo. Pesquisador e escritor.

Chego a especular – se não estou exagerando – que se possa considerar essa transposição geográfica como uma piscadela metafórica para o realismo fantástico efetuada com extrema maestria por Renato Pacheco. E diga-se logo que competentemente efetuada numa imersão de Renato Pacheco na história do Espírito Santo.

No país insular que ele criou, com 45.597 km² de extensão, as duas cidades mais populosas são: “Nossa Senhora da Vitória ou Cidade de Vitória, a Capital, com 200.000 habitantes”; e Princesa, com 85.000 habitantes, cujo nome remete a Cachoeiro de Itapemirim tradicionalmente chamada de Princesa do Sul entre os capixabas.

Por sinal, é em Princesa que se passa grande parte do romance. Vale lembrar que, em 1958, Renato Pacheco já havia publicado, no número 18 da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, o texto *Cachoeiro de Itapemirim: Um Ensaio de Sociologia Urbana*, o que demonstra o seu interesse pela Princesa do Sul. Esse interesse foi reafirmado por ocasião do falecimento de Newton Braga, quando Renato Pacheco escreveu que “era julho de 1956. Eu fazia o aprendiz de sociólogo (...). Vi-o, durante o tempo que passei na Princesa do Sul, praticamente todos os dias, em sua simplicidade, com sua conversa, com sua dedicação à terra. Ajudou-me muito”. (*)

O Apêndice de “Senhor Kurtz, morto” informa também que os principais rios desse país-ilha “são,

do norte para o sul, o Rio Grande do Norte, o Santa Maria da Vitória, o Rio Grande do Sul (antigamente chamado Doce) e o Santo Eduardo”. E acrescenta que a economia da ilha se baseia “na agricultura da cana de açúcar, mandioca, cacau, banana e café, e na pecuária. Além disso, o país exporta minério de ferro — com 65% de teor de manganês” e que “recentemente (1955) foi descoberto petróleo, na plataforma continental. O turismo é explorado de modo incipiente. A maior parte da população ainda se encontra na zona rural (72%)”. Aliás, os dois percentuais citados já suscitam sorriso pelo detalhamento que apresentam numa obra de ficção.

Ao informar também sobre o desenvolvimento industrial de Santa Maria do Atlântico, o Apêndice acrescenta que o desenvolvimento é pequeno, havendo fábrica “de móveis, alimentos, cimento e tecidos” e que se planeja “a construção da Siderúrgica do Cação, para aproveitar seu minério de ferro, hoje exportado em forma de pellets”.

Tendo-se em conta que a palavra cação é um nome genérico dado aos tubarões no Brasil, salta aos olhos o jogo jocoso da troca do nome da siderúrgica de Tubarão pelo de Cação.

No que se refere à governança, a grande ilha do Atlântico entre o Brasil e a África – cujo lema é Trabalha e Confia – tinha como presidente ditatorial e vitalício, em meados do século XX, o almirante Constâncio Alves, cognominado o Libertador. É a

este almirante que o narrador do romance, o médico Jader Távora, chama Senhor Kurtz – nome que Renato Pacheco foi buscar a Joseph Conrad, em *O Coração das Trevas*.

Na excelente entrevista dada a Oscar Gama – excelente por parte do entrevistado e do entrevistador – também divulgada em <https://estacaocapixaba.com.br> (22.3.2001), Renato Pacheco proclamou sua irrestrita benquerença ao Espírito Santo. Foi efetivamente paixão gentílica que marcou o curriculum vitae de Renato nas suas múltiplas atividades como romancista, poeta, folclorista, historiador, sociólogo, magistrado, professor – ou, na definição sintética de Getúlio Marcos Pereira Neves, “um humanista, no sentido próprio do termo” – consoante se lê em *Considerações à volta do pensamento jurídico de Renato Pacheco*, também in <https://estacaocapixaba.com.br>.

Na entrevista dada a Oscar Gama, Renato informou que para escrever *Senhor Kurtz, morto*, além do romance *O Coração das Trevas*, ele se baseou em Saramago. E em outra entrevista, porém a Andréia Delmaschio, informou que seu romance foi inspirado pela *Jangada de Pedra*, de Saramago. “Só que a jangada anda pelo oceano e a minha ilha não.”

Lembro-me bem que Renato comentou comigo, em certa ocasião, que tinha gostado do livro de Saramago. Já na entrevista que deu a Oscar Gama, ele foi mais meticoloso quando esclareceu que o seu romance “tira o Espírito Santo daqui e o coloca no meio do

Atlântico, entre o Brasil e a África. E ele se torna uma colônia de Portugal até 1985 e esse Kurtz é quem faz a independência de Santa Maria do Atlântico, capital Vitória, na ilha de Vitória. O que fica aqui, então? Fica o Golfo do Espírito Santo, que o Brasil não tem golfo e tem uma vergonha danada disso. E o que acontece? O Porto de Tubarão vai lá para Aimorés, para grande satisfação dos mineiros. E a vida do Espírito Santo passa a ser toda lá na Santa Maria do Atlântico, com todos os rios (São Mateus, Itapemirim, Jucu), mas tudo lá, no meio do Atlântico, fora do Brasil.”

Nota-se, pela menção à falta de golfo no Espírito Santo e à ida do porto de Tubarão para Minas Gerais, que o *Senhor Kurtz, morto* continuava a proporcionar ao seu autor a oportunidade para tiradas de *divertissement* mesmo fora das páginas do romance a ponto de, com o porto, levar o mar para os mineiros.

Esse toque de humor, muitas vezes sutil, pontua vários capítulos do *Senhor Kurtz, morto* bastando que se tenha atenção para perceber onde ele se faz presente.

De minha parte, selecionei alguns exemplos que a seguir transcrevo lembrando que se trata de comentários feitos pelo médico Jader Tavares, o narrador homodiegético do romance:

No capítulo Abertura: *Um menino que brincava na enxurrada, vendo aquele aparato bélico, perfilou-se e bateu continência para o Senhor Kurtz, trôpego, porém vestido com o uniforme de gala de almirante.*

No mesmo capítulo: Envolvido na bandeira rosa e branca, sem as honras de um inexistente caixão, tendo como marcha fúnebre o hino que começa “surge ao longe a estrela prometida”, o Senhor Kurtz foi lançado ao mar, única sepultura digna de um almirante santamarinense”.

No capítulo 1: *Constâncio Alves fora mestre de lancha, que ligava a pequena ilha de Vitória à ilha maior de Santa Maria do Atlântico. Quando da Revolução Gloriosa contra os portugueses, com seus marinheiros tomara o único navio de guerra lusitano, atracado no porto. Vitoriosa a guerra de independência, fora ele aclamado presidente perpétuo, mais que um rei de uma ilha que vivia, predominantemente, da exportação do café, sujeita às oscilações das bolsas do hemisfério norte.*

Ainda no capítulo 1: *Olhei para o Libertador, promovido a almirante de Santa Maria do Atlântico, meu protetor e, dizem as más línguas, meu pai.*

No mesmo capítulo 1: Vamos indo ao largo do rio Grande do Norte, olarias, plantações de milho, serrarias, e um posto Shell pós-revolucionário, novinho, pertencente ao dono da Viação Princesa. Deve ser o tal braço avançado do capitalismo internacional que chega atrás do nosso petróleo, recém-descoberto.

Ainda no mesmo capítulo 1: *Às escondidas só o chamava de Senhor Kurtz, pois ele me parecia uma reencarnação da personagem de Conrad, imponente*

em seus quase dois metros, embriagado pelo poder, louco que não se reconhecia como tal.

Idem: Às escondidas o Dr. Alegria, vindo da boite, deu uma batida num poste. Fraturou a perna de uma acompanhante que não era a mulher dele...

Idem: Bons sonhos me embalem. Vou dormir. Um alto-falante canta: Bota a sua cabecinha no meu ombro e chora...

No capítulo 9: A única briga que tivemos foi porque ela gastou nove metros de fazenda para fazer um vestido bem rodado, e só apareceu a ponta do sapato...

No capítulo 15: O velho [Kurtz] vivia em virtual irrealdade. Contavam que um político fora cumprimentá-lo, tropeçou e caiu ajoelhado à sua frente. O presidente, paternal, deu-lhe a bênção, e exclamou: Pode levantar-se agora, meu filho...

No capítulo 16: No dia 15 de novembro de 1959, em Santa Maria do Atlântico, estoura a revolução das rosas [referência à revolução dos cravos] que instaurou o Estado Novo.

No mesmo capítulo: Mas, sem dúvida, a vitória dos rebeldes foi rápida, embora toda vitória seja, com o tempo, uma derrota. Só um tolo — e por certo Júlio César era um tolo — diz: Cheguei, vi e venci.

No mesmo capítulo 16: A “Redentora” foi, no início, uma festa — era fim de primavera, quase verão, e o povo queria ir às praias da ilha. Os que restaram, felizes por estarem vivos, eram vistos à rua, com rosas à mão, saudando os novos donos do poder.

Voltando ao capítulo 1: O Sr. Serrano dá posse ao novo presidente, Professor Jair Rezende. Este pede que todos os presentes, de pé, cantem o hino nacional. Durante a execução causou hilaridade o modo tonitruante com que as palavras iniciais — “Surge ao longe a estrela prometida...” — foram entoadas pelo Rage Miguel”.

Há que se chamar a atenção para o termo *tonitruante* da citação no que parece ser uma referência explícita que Renato Pacheco faz à sua própria voz, grossa e altissonante. Se assim foi, suas tiradas irônicas, discretas ou não, nem a si mesmo pouparam como autor da obra. Teria ele sorrido para os seus botões ao escrever o que escreveu, sobretudo se o verdadeiro Rage Miguel, médico cachoeirense descendente de

Arrisco-me a afirmar que mesmo quando colheu no apocalíptico *Heart of Darkness* o nome Kurtz para personagem do seu romance, Renato Pacheco se divertiu literariamente, pois fazia do seu Kurtz um mero mestre de lancha entre Vitória e Vila Velha que chegou a ditador com o pomposo título de almirante por força de uma revolução “libertadora” do povo *santamarinense*, portanto bem diferente do Kurtz de Conrad. Estaria ainda Renato comparando a ascensional trajetória política de Constâncio Alves com a de algum personagem real da história latino-americana?

Nomes não faltariam para a comparação, nem material histórico para enriquecer mais ainda a figu-

ra ficcional do Senhor Kurtz, muito embora tivesse Renato Pacheco escrito, pela voz do médico narrador do romance, que “pelo título que dei a estas memórias, pode parecer que vou falar do Senhor Kurtz, sua vida e obra. Não esperem isto. Vou contar fatos que ocorreram comigo, muitos ligados a meu padrinho [Kurtz] é verdade, mas tudo que passou é brisa, é vento, é água passada, não move moinho.”

Só cabe reconhecer que o autor do romance e o personagem nele responsável pela narrativa cumpriram sua missão na forma que se propuseram. Honra ao mérito, para ambos.

(*) MOREIRA, Evandro. *O poeta Franciscano*. Digitação Eletrônica Evandro Moreira. Impressão, HELIOGRAF. (SEM INDICAÇÃO DE DATA). Obra sobre a vida de Newton Braga cuja leitura eu devo à professora e historiadora Regina Hess, amiga e admiradora de Renato Pacheco.

UM ROMANCE CAPIXABA¹

Rubem Braga²

O *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* diz que puã é a fêmea dos siris. Acho muito luxo haver um nome para fêmea de siri. Na Bahia, segundo Von Ihering, puã é o nome de uma certa espécie de siri, o chamado siri-puã; mas aqui pelas costas do Estado do Rio e do Espírito Santo, puã quer dizer mesmo o que aprendi em minha infância: é a pinça do siri, ou do caranguejo, ou do camarão. Palavra certamente tupi, usada em minha terra, de brincadeira, até mesmo em relação a gente: “tira essa puã daí, que isso é meu”.

Lendo agora essa novela *A oferta e o altar*, de Renato Pacheco, que é uma espécie de retrato vivo de uma aldeia praieira capixaba na fronteira baiana, vejo que ali também puã é puã mesmo. Por sinal que aquela gente é fina no comer. Já tinham me contado em Conceição da Barra (da Barra do Rio São Mateus, no Espírito Santo) que ninguém se dava ao trabalho de comer siris ou caranguejos: só comia as puãs, aquela carninha limpa, feita só de músculos, que vem dentro das pinças. Aqui no livro fico sabendo que “dona Cecê é perita em puã de caranguejo” e

¹ Texto publicado no *Jornal do Brasil* do dia 30/12/1964.

² Jornalista e escritor capixaba, um dos expoentes da crônica no Brasil.

a certa altura passa um menino que “vendia pastéis com recheio de puã de caranguejo esfiapado”.

A oferta e o altar, que apareceu este ano nas Edições GRD, é, creio eu, o primeiro romance capixaba escrito por um capixaba (antes tivemos *Canaã*, de Graça Aranha, e *Cabocla*, de Ribeiro Couto). Bacharel em Direito como os dois, Renato Pacheco é juiz, como foi o primeiro (o segundo, que morreu embaixador, na carreira jurídica não foi além de promotor), e além disso estudou Sociologia e Antropologia em São Paulo. A leitura de seu livro não apaixona mais porque ele não se prende bem a um caso individual; através das pessoas é a pequena Ponta d’Areia que vive sua vida humilde, amorosamente contada. Amorosamente, mas com um olho de sociólogo ou de repórter social.

A nossa modesta literatura capixaba se engrandece muito com este livro de excelente qualidade. E depois dele — francamente, mestre Aurélio! — não venham me dizer que puã é fêmea de siri...

VOVÔ RENATO¹

Taís Poncio Pacheco Diniz²

Com muita honra, sou uma das netas de Renato José Costa Pacheco. Meu nome é Taís, sou descendente de Renato pela linhagem paterna, sendo a filha do meio de Rodrigo Bomfim Pacheco. Tenho duas irmãs: Raissa, a mais velha, e Lidialuz, a mais nova, assim como dois filhos: Kiara Mariah, mais velha, e Aron, mais novo. Produzo este texto com o objetivo de eternizar algumas memórias que tenho sobre meu avô e para que ele também seja lembrado nos seus aspectos afetivos familiares, além de toda a produção intelectual já conhecida e muito valorizada. Vou começar por algumas memórias de infância e depois trazer alguns relatos sobre o breve tempo no qual tive a oportunidade de morar com meu avô quando iniciei a graduação de Psicologia na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Meus pais se mudaram para Porto Velho, capital do Estado de Rondônia, quando eu tinha 2 anos de idade. Por este fato, quando criança, eu convivi com meu avô somente no período das férias de verão. E eram férias maravilhosas. Não sei dizer ao certo mas,

¹ Texto escrito em abril de 2024.

² Graduada em Psicologia pela UFES. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Rondônia e Doutoranda em Psicologia pela UFES. Psicóloga do IFES – Campus Guarapari.

pelo que me lembro, quase todos os anos eu, papai, mamãe e minhas duas irmãs, saíamos de Porto Velho, logo após o término do ano letivo, em direção a terras capixabas. Muitas vezes fizemos este trajeto de ônibus, três dias de viagem, e outras vezes de avião. Teve vez de viajarmos somente eu e minha irmã mais velha no avião, sob os cuidados da aeromoça e meu avô nos buscou no aeroporto junto com minha Tia Ana Lúcia. Independente dos detalhes da viagem, o fato é que passávamos Natal, Ano Novo e o mês de janeiro curtindo as praias do Espírito Santo, entre Vitória, onde moravam meus avós paternos Renato e Tilda, e Guarapari, onde morava minha avó materna Sara.

Confesso que, quando eu era criança, em alguns momentos, achava as brincadeiras de meu avô um pouco chatas. Isto aconteceu porque ele sempre incluía alguma atividade pedagógica para realizarmos, geralmente que envolvesse leitura e escrita. Pedia para fazermos redação sobre algum tema relacionado às férias, até nos inscreveu no Kumon uma certa vez. Tinham partes que eu achava legal, porque ele sempre nos oferecia algum incentivo em forma de doce ou dinheiro, mas também tinha o aspecto chato pois eu queria curtir as férias só brincando e sem lembrar de atividades escolares. Hoje em dia, sendo mãe, reconheço o valor daquelas atividades e até busco repetir com os meus filhos da minha maneira.

No aspecto literário, ele sempre incentivou as netas a ler. Lembro que ele nos mostrava um catálogo

de livros e dava o direito de cada neta escolher um. Ou então ele já comprava o livro e líamos durante as férias. Ficou marcado na minha memória um livro, não me lembro o nome, no qual tinha que ir desvendando as pistas para poder ler o próximo capítulo, cujas páginas não eram sequenciais. Uma vez, já adolescente, eu escolhi, no catálogo, o livro “A Divina Comédia” de Dante Alighieri e, na época achei muito difícil a leitura mas o utilizei durante o ano escolar. Eu e meu grupo de sala, durante um evento escolar, fizemos um espaço temático montando os cenários da história: inferno, purgatório e céu, no qual os visitantes tinham que passar pelos espaços e depois contávamos um pouco mais sobre a obra. E, naquela época, coincidiu de meu avô e minha avó terem ido nos visitar em Porto Velho. Portanto, ele foi à minha escola e visitou este trabalho o que foi motivo de alegria para mim, senti como se tivesse mostrando para ele um retorno positivo do presente que tinha ganhado nas férias.

Porém, meu avô não tinha somente este aspecto de professor, digamos assim. Ele também era muito divertido e fomentava a nossa imaginação. Tornou-se tradição, durante um tempo, que as netas fizessem uma apresentação para a família e o patrocinador desta brincadeira era o vovô Renato. Uma vez ele comprou um kit de magia para brincarmos e resolvemos fazer a apresentação de circo. Teve também apresentação de teatro, com história que inventamos bem

como apresentações musicais. A família toda se reunia na varanda da casa da Mata da Praia para assistir. Ele nos incentivava a brilhar e nós nos sentíamos muito importantes, pelo menos eu me sentia assim.

Meu avô sempre foi muito alegre, eu não lembro de tê-lo visto triste alguma vez. Ele tinha o hábito de cantar algumas cantigas muito características. Quando entrava na cozinha cantava: “bатуque na cozinha sinhá não quer, por causa do bатуque quebrei meu pé”. Em alguns momentos ele mudava a palavra “sinhá” por “Teresa” que era a cozinheira da casa só para mexer com ela. Fazia algumas brincadeiras também que atualmente sempre me lembram dele. Pegava o pé da gente e falava: “primeiro pé de burro que eu pego hoje”. Na época eu achava muito chato ser chamada de burra e lembro que retrucava: “eu não sou burro”. Coisas de criança. No domingo ele costumava recitar: “hoje é domingo, pé de cachimbo, o cachimbo é de ouro, bate no touro, o touro é valente, bate na gente, a gente é bravo, cai no buraco, o buraco é fundo, acabou-se o mundo”. Eu repito estes versos com meus filhos em memória ao meu avô e eles acham muito legal. Tinha também a reinação que ele prendia nossa mão e falava “tá preso, só vou soltar se falar quem roubou o Convento da Penha”. Eram brincadeiras simples que, hoje sei, tem referência à cultura capixaba que ele tanto amava e estudava.

Quando eu estava em vias de concluir o ensino médio, quis sair de Porto Velho e fiz uma carta para

meus avós pedindo que eles me aceitassem na casa deles. Na época, minha irmã mais velha estava morando em Guarapari, no apartamento da minha avó materna e, por isso, fui então cursar o 3º ano do ensino médio lá para ficar junto com ela. Após a conclusão do ensino médio, minha irmã retornou para Porto Velho e eu fui morar em Vitória com meus avós: Renato e Tilda. Meu avô me matriculou em um cursinho pré-vestibular perto da casa deles na Mata da Praia e me ensinou o caminho para chegar lá andando e de ônibus. Fiz o vestibular para o curso de Psicologia na UFES em 2000, fui aprovada e morei na casa dos meus avós até a conclusão da graduação, no ano de 2006. Porém, meu avô faleceu no ano de 2004, e, por isso, tive a presença física dele morando juntos por aproximadamente 3 anos.

Meu avô tinha uma rotina bem estabelecida e era sistemático na sua forma de organização cotidiana. Todos os dias, pela manhã, ele fazia uma pequena caminhada pelo bairro, depois ia para seu escritório e ficava lá estudando e trabalhando. Perto da hora do almoço subia para assistir às notícias locais, ao meio-dia todos almoçavam, depois ele assistia às notícias nacionais e tirava um cochilo. Na parte da tarde eu não lembro muito bem da sua rotina pois era o momento que eu estava na faculdade, mas os dias que ficava em casa, lembro que ele também estava em seu escritório. Alguns dias, no período da tarde, ele assistia um pouco de TV, eu lembro de ter acom-

panhado com ele alguns episódios de “Friends” e “Seinfeld”. Quando tinha jogo de futebol ele assistia a todos, não importava o time que estivesse jogando. Na hora da novela ele cedia a televisão da sala para minha avó e voltava apenas no horário de assistir novamente às notícias locais e depois ao Jornal Nacional. Quando terminava o jornal ele costumava dar “Boa Noite” para os apresentadores, na época William Bonner e Fátima Bernardes, gostava muito também quando aparecia a Patrícia Poeta para apresentar a previsão do tempo, costumava excluir alguma forma de elogio como se ela o pudesse ouvir. Eu achava engraçado. Aos sábados ele tinha o compromisso, do qual não abria mão, de ir ao encontro na livraria Logos. Domingo ele gostava de almoçar em algum restaurante, às vezes já começava a planejar na sexta-feira o local que seria o escolhido e de tarde assistia o jogo de futebol que estivesse passando na TV. Na casa tinham duas televisões, uma na sala de TV e outra no quarto do casal, quando eu, ou minha avó, queríamos assistir alguma coisa, ele ia para o quarto ver o jogo de futebol mas na hora do jornal, aos domingos o “Fantástico”, a TV da sala não podia ser cedida para outra programação.

Quando fui morar com eles, tive que me adaptar a algumas regras que ele não abria mão e fazia questão de me lembrar. Ele me deu um molho de chaves da casa e enfatizou que deveria guardá-las no porta-chaves em uma sequência específica. Algumas vezes eu

coloquei a chave na ordem errada, ele me chamava, repetia onde eu deveria ter guardado e no final dizia “cada coisa em seu lugar e cada lugar com sua coisa”. Eu achava um tanto quanto desnecessário aquela rigidez, mas hoje, tendo uma noção maior de toda a sua produção intelectual, compreendo que essa maneira sistemática lhe permitiu produzir de forma tão ampla. Quero eu ainda ter uma parte apenas da constância do meu avô nos estudos e produção intelectual.

A impressão que sempre tive de meu avô é de uma pessoa simples, ser humano comum, um pouco bobalhão e não fazia ideia de porque as pessoas se impressionavam tanto com ele. Quando saía com ele na rua, toda vez passava alguém para o cumprimentar, geralmente o chamando de Professor. E ele sempre retribuiu todos os cumprimentos de forma muito carinhosa e respeitosa, mesmo que algumas vezes me falasse, depois, não se lembrar da pessoa. E ele só andava de ônibus pela cidade. Achava o máximo que não precisava pagar o transporte devido à carteira de idoso, o luxo dele era o ônibus executivo que tinha ar-condicionado e ele precisava desembolsar algum dinheiro por isso. Ele só utilizava o carro quando minha avó ia junto para os lugares, ela não andava de ônibus e era quem administrava o dinheiro da casa. Ele valorizava muito minha avó, dizia que ela tinha pernas muito bonitas, deixando-a um pouco envergonhada, e até mostrava uma foto dela, quando mais jovem, que carregava na carteira.

Em uma oportunidade viajei junto com ele e minha avó para Porto Seguro. Fomos de ônibus em uma excursão junto com outras pessoas conhecidas, inclusive os dois irmãos de Vovô. Nesta viagem eu comecei a ler um romance que achei muito empolgante e trazia algumas informações sobre a Austrália e umas ilhas naquela localidade. Querendo saber mais sobre o lugar do livro, eu pedi a meu avô que se sentasse junto comigo no ônibus para conversarmos. Ele me disse, em resposta, que o lugar dele era junto da minha avó e não saiu de perto dela. Quando retornamos a Vitória ele pegou um mapa e foi me mostrar os lugares mencionados no livro e atendeu então ao meu pedido.

Quando morei com ele, meu avô já estava aposentado, mas ainda trabalhava como Professor em uma faculdade particular, além dos seus estudos e compromissos com instituições como o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES). Ou seja, ele nunca ficou parado, trabalhou até a data de sua morte e sempre com boa disposição. Vez ou outra aparecia algum repórter lá na casa para entrevistá-lo sobre temas relativos à história do Espírito Santo além das inúmeras ligações diárias solicitando alguma contribuição intelectual do Professor Renato. Uma prima minha falava que ia ficar rico se cobrasse por cada pedido que faziam porque ele distribuía seu conhecimento de graça e achava justo.

Vovô Renato é uma pessoa generosa. Foi ele quem abriu minha primeira conta bancária, na mo-

dalidade universitária, e, todo mês, me dava uma quantia fixa para depositar e utilizar nas minhas necessidades de estudante. Continuou também me incentivando no hábito da leitura e escrita. Certa ocasião apareceu uma senhora muito diferente lá na UFES, falando sobre Heráclito e com vestimentas antigas que parecia ter saído de algum portal temporal, eu fiquei muito impressionada e cheguei em casa contando a história. Ele falou para eu escrever todas as minhas impressões sobre a mulher e até inventar um conto. Em outra ocasião, ele achou (não sei por que) que eu deveria ler a obra “Os Thibault”, de Roger Martin du Gard, e, para isso, comprou dois exemplares iguais da coleção (a obra completa tem cinco volumes) com o objetivo de acompanhar a minha leitura. Nos horários de refeição conjunta, geralmente o almoço e a janta, ele perguntava qual capítulo eu estava lendo e conversávamos sobre a obra. Penso que este é o meu romance preferido, fiquei muito empolgada com a leitura.

No dia de sua morte eu estava presente. Ele sentiu um mal-estar em casa, já era noite e estávamos todos deitados. Minha avó me chamou e pediu que eu fizesse a medição da pressão arterial. Assim o fiz, verifiquei que estava alterada e fiz a ligação para a ambulância. Vieram buscá-lo e o levaram para o hospital. Minha avó foi o acompanhando na ambulância e eu fui dirigindo o carro atrás junto com minha prima Amanda que também morava na casa.

Chegando no hospital o médico informou que iam interná-lo na UTI para observação e nos orientou a voltar para casa e retornar no outro dia pela manhã durante o horário de visitas. No outro dia de manhã juntamos, eu, minha avó e minha prima, alguns pertences pessoais como roupas e materiais de higiene para levar para o hospital. Eu lembro de ter pensado que não deveria ser nada grave e logo ele estaria de volta em casa. Peguei a foto de Vovó que ele costumava levar na carteira para deixar com ele no hospital pensando em lhe oferecer algum conforto e amparo. Ao chegarmos no hospital, todos os visitantes foram liberados para entrar e nós fomos direcionados a uma sala de espera, o que já pareceu um mau agouro. Depois veio o médico responsável e nos informou sobre a morte de Vovô. Acompanhei minha avó para olhar o corpo e minha prima foi para casa buscar os documentos necessários para os trâmites burocráticos. Foi a primeira vez que vivenciei a morte de um familiar próximo e, no início, não me parecia real, porque ele estava bem e, de repente, não estava mais entre nós. Inicialmente a tristeza foi muito forte, mas, com o passar do tempo, fica a lembrança da boa convivência, dos aprendizados e hoje reconheço a honra que tenho de ser neta do meu avô. Eu nunca vi um céu tão bonito quanto nos dias que sucederam o enterro de vovô. Toda vez que eu olhava para o céu, observava as nuvens, eu sentia dentro de mim uma beleza sem igual. Pela crença

que tenho em Deus, eu compreendo que foi a forma de conforto que tive o merecimento de receber o que me proporcionou a certeza de que ele está em um bom lugar.

Esses são apenas alguns resquícios de lembranças sobre a vivência com meu avô. Penso que se eu tivesse uma condição melhor para reconhecer o valor de Renato Pacheco, poderia ter aproveitado mais a sua presença física. Como dizia meu avô: “cada coisa em seu lugar” e, neste entendimento, sou grata por ter tido uma convivência próxima com ele, ainda que do jeito de cada um. Eu sou uma pessoa um pouco fechada e tímida, na época ainda era mais, e ele, como costumava dizer, “não era afeito a intimidades”. Assim, convivemos nos momentos cotidianos simples e de grande valor dentro da vivência familiar.

TIO, O QUE É CONCRETO E ABSTRATO?¹

Luís Filipe Vellozo de Sá²

Nesse mês de março completam 20 anos da morte de um dos maiores intelectuais capixabas do século XX, meu inesquecível tio-avô Renato Jose Costa Pacheco.

Sua passagem para outro plano nos pegou de surpresa numa manhã de quinta-feira, 18 de março de 2004. Casado com minha saudosa tia-avó Tildinha, irmã mais nova da minha avó Nezita, tive privilégio de conviver com esse ser humano extraordinário por 35 anos.

Aqui vai minha última memória fisicamente ao lado dele.

Um mês antes de nos deixar, fui a sua casa para lhe pedir para fazer uma leitura da minha dissertação de mestrado em Economia. Sempre disponível, aceitou mesmo não sendo sua área, que era Direito, Filosofia, Sociologia e História.

Apenas dois dias após ter deixado a minha dissertação na sua casa na Mata da Praia, estava eu ao seu lado ouvindo suas observações e correções, sempre colocadas de forma tranquila e humilde. Características comuns de pessoas que atingem um nível de sabedoria que poucos atingem.

¹ Texto escrito em fevereiro de 2024.

² Economista, advogado, auditor de controle externo do TCE-ES e membro-fundador da ONG Transparência Capixaba.

Ainda antes de falecer, como brincadeira, recebi dentro de um envelope, um poster do seu time Flamengo que foi campeão da Taça Guanabara de 2004 em cima do meu Fluminense em algum fim de semana daquele fevereiro. Futebol, junto com política e piadas, eram os assuntos que regavam nossas deliciosas conversas. Era incapaz de uma grosseria, arrogância ou exibicionismo intelectual. Ele gostava mais de escutar e sugerir pensamentos e leituras.

Senti muito a sua perda. Foi um dia muito triste para mim e, sobretudo, para o Espírito Santo. Me lembro muito das diversas homenagens institucionais, reportagens e matérias que me emocionaram muito. Tio Renato teve enorme influência na minha formação como indivíduo e como cidadão.

E o título dessa homenagem, o que tem a ver com isso?

Bom essa pergunta eu fiz para ele quando eu tinha uns cinco anos de idade, na varanda do apartamento da minha família em Guarapari.

Relatei acima a última memória e essa eu tenho como a primeira memória e que jamais se apagou. É onde inicia minha jornada de convivência com um dos seres humanos mais especiais que já conheci. Não foi apenas um tio, foi um mestre. Ô sorte!

Para finalizar e demonstrar que aprendi o que ele explicou para mim 50 anos atrás queria apenas expressar um sentimento que não passa, **ABSTRATO E ETERNO**: saudade de você, Tio Renato.

MEU AMIGO RENATO¹

Neida Lúcia Moraes²

Sento-me aqui nesta sala vazia e relembro. Velhos tempos...

Tento há anos vencer a dureza dos dias, das ideias que ficaram para trás, das pessoas queridas que já se foram.

Venho à varanda e debruço-me para a noite. Uma aragem fresca banha-me a face e recordo acontecimentos que marcaram a minha vida, amigos queridos que representaram tanto para mim.

A mancha da lua fosforece como o vapor de uma lenda... e recordo...foi no tempo das aulas no Colégio Americano que conheci um amigo muito querido, com o qual participei de vários acontecimentos durante vários anos: Renato Pacheco.

A aproximação foi repentina, ambos amávamos os livros, os poetas, os romancistas e historiadores. E tudo isto nos levou a uma amizade que durou anos a fora.

Era uma alegria quando descobríamos um novo autor e um novo livro, trocávamos exemplares, discutíamos os contextos enfocados, chegávamos a divergir sobre este ou aquele fato.

¹ Texto escrito em abril de 2024.

² Historiadora e escritora. Professora aposentada da Universidade Federal do Espírito Santo.

O primeiro livro escrito por Renato foi sucesso, bati palmas de alegria. Logo veio também o meu primeiro romance, prêmio nacional, lançamento festivo no Rio de Janeiro e São Paulo.

Claro que foi uma alegria para ambos os amigos.

Os anos passaram, mas a amizade persistiu. Juntos frequentávamos a Academia de Letras, empossados em solenidade festiva. Juntos discutíamos o que pretendíamos escrever num próximo romance.

A mancha da lua fosforece como o vapor de uma lenda.

Sim estou aqui relembrando velhos tempos e um grande amigo que se foi, deixando um rastro de saudades, mas também de vivas lembranças.

SENTENÇA “LITERÁRIA”¹

*Getúlio Marcos Pereira Neves*²

Talvez a menos estudada das muitas atividades a que se dedicou Renato Pacheco seja o seu desempenho profissional como juiz de direito, função que exerceu por pouco mais de 16 anos entre agosto de 1957 e outubro de 1973. Pondo em prática ideias que posteriormente sintetizaria, por exemplo, em Juiz e mudança social³, Pacheco atuava de fato como verdadeiro “sociólogo em ação” (palavras suas), demonstram-no não só textos que publicou como também várias das sentenças que prolatou.⁴

Abstraídos interesses das áreas do Direito e da Sociologia Jurídica a postura – pessoal e profissional – de Renato Pacheco com relação ao ambiente em que funcionava e com relação aos casos que julgava

¹ Texto escrito em maio 2024.

² Magistrado e escritor. Sucedeu a Renato Pacheco na cadeira 33 da Academia Espírito-santense de Letras. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

³ *Revista Forense*, Rio de Janeiro, vol. 210, p. 422-424, abr-jun 1965.

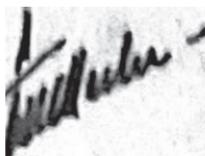
⁴ Para uma aproximação às ideias que professava e pelas quais procurava pautar a sua atuação funcional veja-se NEVES, Getúlio M. P. Considerações à volta do pensamento jurídico de Renato Pacheco. In ACHIAMÉ, Fernando A. M.; SANTOS NEVES, Reinaldo (org.). *O reino conquistado*. Vitória: IHGES, 2003.

importa também àquela área de interseção entre Direito e Literatura, cujos estudos vão se aperfeiçoando entre nós. Das múltiplas abordagens propostas pelos estudiosos da área, dentre elas a preocupação com o “valor literário” dos escritos forenses em geral, suscita meu interesse a busca das condicionantes que levam o autor à construção de sua obra, ou de uma determinada obra. No texto Judicatura e Literatura: o magistrado na escrita de *A oferta e o altar*, publicado na *Revista do IHGES* n.º 81, de 2024, demonstrei como o ambiente com que se deparou o magistrado Renato José Costa Pacheco em Conceição da Barra, comarca do Norte do Espírito Santo, influenciaria no desenvolvimento do tema de seu primeiro romance, *A oferta e o altar* (1964). Na mesma sede chamei atenção para o “estilo literário” que o magistrado-autor imprimia nas sentenças, relatoriando-as, em alguns casos⁵, de maneira apurada, tecendo comentários e utilizando vocabulário mais elaborado que o comumente empregado para sumariar os atos praticados num processo que se está a decidir.⁶

⁵ Determinar em que casos, isto é, se um maior ou menor tempo disponível para elaborar o texto ou se um eventual maior interesse suscitado pela relevância do caso ou da tese posta em discussão influía decisivamente na escrita da sentença demandaria o exame de massa considerável de peças processuais.

⁶ O Código de Processo Civil (tanto o de 1939, por que se pautou Renato Pacheco na sua atuação, quanto os posteriores, de 1973 e 2015) torna obrigatória na sentença a inclusão de três tópicos: relatório, fundamentação e a decisão, ou dispositivo.

Aproveitando-me de cópia de sentença que entre outros escritos me passou às mãos o próprio Renato Pacheco fui buscar os “primeiros passos” do novel juiz, para daí, quem sabe, iniciar uma busca pela evolução de seu estilo de escrita⁷. Empossado no cargo de juiz de direito em 26/08/1957, dez dias depois prolatava a sentença a seguir, ao que tudo indica, a primeira. Tratava-se de um caso de responsabilidade civil:



SENTENÇA.

Vistos e examinados êstes autos, etc.

I.Relatório.

J.F.S. propôs, em 15.1.1952 contra J.S.M., ação ordinária de indenização, com fundamento no Art. 159 do Código Civil Brasileiro.

Alegou, em síntese, pela voz de seu ilustre patrono, que

a) firmou com o suplicado contrato de promessa de compra e venda de uma posse de terras, com benfeitorias, em terreno do Es-

⁷ Registre-se que no mesmo ano de 1957 era publicado *Antologia do jogo do bicho*, pela Simões Editora, livro organizado por Renato Pacheco.

tado, no lugar denominado Tabua, município de Fundão, tendo do preço convencionado de Cr\$12.000,00 (doze mil cruzeiros) efetuado, em duas prestações, o pagamento de Cr\$ 9.20000 (nove mil e duzentos cruzeiros);

b) após promover as medidas iniciais para compra do terreno do Estado e ter começado a fazer benfeitorias no terreno, Eufrosina Maria do Carmo ofereceu prova da propriedade do terreno, e Antônio Nunes, amante de uma das filhas de Eufrosina, intimidou-o a deixar as benfeitorias;

c) em face do exposto, pediu uma indenização de Cr\$40.000,00 (quarenta mil cruzeiros) (ou o que fôsse fixado na execução). E veio com 7 documentos de fls. 4 a 10.

Registada e autuada a petição, foi feita regular citação.

O réu na contestação, e reconvenção que a repete, disse, em resumo, que

a) preliminarmente, a não citação da mulher do contestante, sendo a ação, em seu parecer, real, importava em absolvição de instância;

b) as plantações que o autor diz de sua lavra foram feitas pelo contestante, que não pode ser responsabilizado pela incompatibilidade que o próprio autor criou com os moradores do lugar;

c) o A. devia, pois, ser responsabilizado no “restante de seu débito valor dos produtos

que não eram seus, das perdas e danos juros e demais pronunciações de direito”.

Com 3 e 5 dias para falar sobre a contestação e reconvenção, o A. preferiu o prazo maior, mantendo as alegações iniciais, e requerendo depoimento pessoal do réu e prova testemunhal.

O despacho saneador de fls. 2, verso, 25 e 25verso

- a) não acolheu a preliminar do réu;
- b) não deferiu a prova testemunhal já requerida, mas a permitiu, des que em tempo pleiteada;
- c) determinou vistoria, in loco, com arbitramento por peritos a serem indicados pelas partes.

E, começou o drama da perícia, em lugar fora da Comarca de Vitória. Peritos foram indicados e nomeados, compromissos tomados, quesitos formulados, mandados expedidos, no período de 7 de junho a 2 de setembro de 1952. Porém perícia mesmo, em tempo algum foi feita. Em 9 de outubro do mesmo ano, novo incidente: o perito do A. se demite porque falecera o réu (sic) - estava suspensa a instância. E, durante exatamente 31 meses o feito dormiu o sono que se se permite aos processos findos.

Reavivada a ação pelo perito remanescente (fls. 48) em junho de 1955, teve andamento regular daí para a frente. Em setembro, Dona

A.C.M., viúva do R., citada, ingressa, através do mesmo patrono de seu falecido marido, nos autos para defesa do espólio. Reabriu-se o “jôgo de empurra” da perícia, que conforme foi bem decidido a fls. 62, devia ser providenciada pelos interessados. Como ninguém se mexeu, foi marcada audiência de instrução e julgamento para 4 de junho do corrente ano, a qual, e pedido cavalheiresco do advogado da viúva do R., foi adiada. Realizou-se finalmente a audiência a 2 do corrente, sob minha presidência, por delegação do titular da Vara. Nela foram ouvidos os depoimentos pessoais do A. e da viúva do R. Nos debates orais, fizeram as partes suas alegações, tendo o Sr. advogado da viúva do R. requerido a juntada de memorial de fls.76, o que deferi.

É o relatório.

II- Fundamentos

Tudo visto e bem examinado e atendendo a que

1º) os documentos de fls. 4 e 5 comprovam a venda de uma posse e benfeitorias, em terreno do Estado, cuja escritura será passada quando (evidentemente o comprador pois êste requereu ao Estado) ultimar a sua medição;

2º) o A. requereu ao Estado o terreno, em seu próprio nome, em 28 de fevereiro de

1949 (fls. 6) e pagou, na mesma data, imposto de transmissão intervivos, referente a compra de uma barraca de palha, um mandiocal e bananeiras (fls. 7) comprovando a pré-existência de benfeitorias;

3º) sendo os recibos de fls. 4 e 5 de 5 de abril e 5 de julho de 1949 é de se presumir que o A. tenha tido a posse dos terrenos e feito uso das benfeitorias, desde 28 de fevereiro do mesmo ano - data em que perante o Coletor Estadual de Fundão declarou a compra - pois que, caso contrário, não seria compreensível o segundo pagamento em julho, 90 dias após do primeiro, e neste período muita mandioca e muita banana deve de ter sido colhida;

4º) o A. não facilitou a vistoria do local - pelo contrário dela se esquivou -e nem fez finca pé na prova testemunhal pedida a fls. 24, que lhe não foi deferida, no saneador;

5º) o A. em seu depoimento pessoal de fls. 74, confessa ter tirado muita lenha do terreno, e depois, mui habilmente reperguntado por seu ilustre patrono, disse não ter transportado a lenha tirada;

6º) o A. não prova, nem genérica, nem especificamente, o que diz quando alega que os terrenos eram de D. E.M.C. e que sofreu ameaças de morte por parte do amente de uma das filhas da proprietária do terreno, o que teria, certamente, dado motivo a inquérito policial que, facilmente, comprovaria o fato;

e que, “sem prova do dano não há que cogitar da responsabilidade” (Acórdão do S.T.F. no rec. ext. 5611 em 8.10.1942, apud José de Aguiar Dias, Da responsabilidade civil, Rio 1944, p. 97, em rodapé.

Atendendo ao que mais dos autos consta, à lei e a jurisprudência concernente a espécie, passo a

III- Decisão.

JULGO, pelos fundamentos supra, im-procedente a ação, condenando o autor nas custas, e, em honorários advocatícios, êstes arbitrados em Cr\$2.000,00 (dois mil cruzeiros). Perdas e danos, lucros cessantes e o mais pleiteado não o dou, porque não provado.

Dada hoje, com antecipação, para ser publicada na audiência designada para o dia 12 do corrente, as 13 horas. Após o que, registre-se e intimem-se.

Vitória, 6 de setembro de 1957

Renato Jose Costa Pacheco, Juiz Substituto, funcionando no feito como adjunto da 3.ª Vara da Comarca de Vitória.

Desta primeira sentença podem-se destacar pontos da redação que coloco como hipótese se tratar de tendências doravante desenvolvidas por Renato Pacheco na lavratura dos atos decisórios. De fato, de uma leitura mais atenta da peça chama a atenção

a narração do desenrolar do procedimento: ao invés de, como usualmente se vê em peças processuais, sumariar em tom mais formal, o autor tece comentários sobre os contratempos na produção dos atos processuais, como se vê do trecho a seguir:

E, começou o drama da perícia, em lugar fora da Comarca de Vitória. Peritos foram indicados e nomeados, compromissos tomados, quesitos formulados, mandados expedidos, no período de 7 de junho a 2 de setembro de 1952. Porém perícia mesmo, em tempo algum foi feita.

Sendo o entrave no procedimento a produção da prova pericial, fazendo com que, por culpa do autor, o processo se paralisasse (ou, nas palavras irônicas do prolator, “dormiu o sono que se se permite aos processos findos”), permitiu-se prosseguir no relatório em tom de admoestação aos responsáveis pelo alongar do feito. Assim, após a habilitação da inventariante

Reabriu-se o “jôgo de empurra” da perícia, que conforme foi bem decidido a fls. 62, devia ser providenciada pelos interessados. Como ninguém se mexeu, foi marcada audiência de instrução e julgamento

Como se vê do dispositivo, nosso magistrado prolatou com antecedência a sentença para publicá-la dias depois na audiência a que presidiria, talvez externando dessa forma seu inconformismo com a

lenta tramitação do feito. Descontado o interesse legítimo das partes na solução da controvérsia, da fundamentação consta que havia também intercorrências de natureza criminal envolvendo a disputa, que a demora na decisão só faria agravar. De qualquer sorte, atendo-se aos fatos provados e ponderando com eficiência as regras do ônus probatório decidiu a lide da maneira que lhe pareceu justa.

Muitas outras sentenças com certeza se seguiram nos dezesseis anos de judicatura de Renato Pacheco. Constantes dos registros cartorários de cada comarca em que atuou, essas peças processuais constituem fonte primária, a se prosseguir na linha de investigação aqui esboçada. De qualquer sorte, das ponderações acima o que se conclui é que, se debutava ali um magistrado que se mostrava crítico e eficiente, havia, também, um romancista em gestação.

ANEXO

Finalizada
SENTENÇA.

Vistos e examinados estes autos, etc.

I- Relatório.

José Maria Ferosina Filho propôs, em 15.1.1952 contra José da Silva Nunes, ação ordinária de indenização, com fundamento no Art. 159 do Código Civil Brasileiro.

Alegou, em síntese, pela voz de seu ilustre patrono, que

a) firmou com o suplicado contrato de promessa de compra e venda de uma posse de terras, com benfeitorias, em terreno do Estado, no lugar denominado Tabua, município de Fundão, tendo do preço convencionado de Cr\$12.000,00 (doze mil cruzeiros) efetuado, em duas prestações, o pagamento de Cr\$9.200,00 (nove mil e duzentos cruzeiros);

b) após promover as medidas iniciais para compra do terreno do Estado e ter começado a fazer benfeitorias no terreno, Eufrosina Maria do Carmo ofereceu prova da propriedade do terreno, e Antônio Nunes, amante de uma das filhas de Eufrosina, intimidou-o a deixar as benfeitorias;

c) em face do exposto, pediu uma indenização de Cr\$40.000,00 (quarenta mil cruzeiros) (ou o que fôsse fixado na execução). E veio com 7 documentos de fls. 4 a 10.

Registada e atuada a petição, foi feita regular citação.

O réu na contestação, e reconvenção que a repete, disse, em resumo, que

a) preliminarmente, a não citação da mulher do contestante, sendo a ação, em seu parecer, real, importava em absolvição de instância;

b) as plantações que o autor diz de sua lavra foram feitas pelo contestante, que não pode ser responsabilizado pela incompatibilidade que o próprio autor criou com os moradores do lugar;

c) o A. devia, pois, ser responsabilizado no "restente de seu débito, valor dos produtos que não eram seus, das perdas e danos juros e demais pronunciações de direito".

Com 3 e 5 dias para falar sobre a contestação e reconvenção, o A. preferiu o prazo maior, mantendo as alegações iniciais, e requerendo depoimento pessoal do réu e prova testemunhal.

B despacho saneador de fls 24, verso, 25 e 25 verso

a) não acolheu a preliminar do réu;

b) não deferiu a prova testemunhal já requerida, mas a permitiu, desde em tempo pleiteada;

c) determinou vistoria, in loco, com arbitramento por peritos a serem indicados pelas partes.

E, começou o drama da perícia, em lugar fora da Comarca de Vitória. Peritos foram indicados e nomeados, compromissos tomados, quesitos formulados, mandados expedidos, no período de 7 de junho a 2 de setembro de 1952. Porém perícia mesmo, em tempo algum foi feita. Em 9 de outubro do mesmo ano, novo incidente: o perito do A. se demite porque falecera o réu (sic) — estava suspensa a instância. E, durante exatamente 31 meses o feito dormiu o sono que só se permite aos processos findos.

Reavivada a ação pelo perito remanescente (fls 48) em junho de 1955, teve andamento regular daí para a frente. Em setembro, D. Aurea Cupertino de Mattos, viúva do R., citada, ingressa, através do mesmo patrono de seu falecido marido, nos autos para defesa do espólio. Reabriu-se o "jôgo de empurra" da perícia, que conforme foi bem decidido a fls. 62, devia ser providenciada pelos interessados. Como ninguém se mexeu, foi marcada audiência de instrução e julgamento para 4 de junho do corrente ano, a qual, a pedido cavalheiresco do advogado da viúva do R., foi adiada. Realizou-se finalmente a audiência a 2 do corrente, sob minha presidência, por delegação do titular da Vara. Nela foram ouvidos os depoimentos pessoais do A. e da viúva do R. Nos debates orais, fizeram as partes suas alegações, tendo o Sr. advogado da viúva do R. requerido a juntada de memorial de fls 76, o que deferi.

É o relatório.

II- Fundamentos

Tudo visto e bem examinado e atendendo a que

1ª) os documentos de fls 4 e 5 comprovam a venda de uma posse e benfeitorias, em terreno do Estado, cuja escritura será passada quando (evidentemente o comprador pois êste requereu ao Estado) ultimar a sua medição;

2ª) o A. requereu ao Estado o terreno, em seu próprio nome, em 28 de fevereiro de 1949 (fls. 6) e pagou, na mesma data, imposto de transmissão inter-vivos, referente à compra de uma barraca de palha, um mandiocal e bananeiras (fls 7) comprovando a pré-existência de benfeitorias;

3ª) sendo os recibos de fls. 4 e 5 de 5 de abril e 5 de julho de 1949 é de se presumir que o A. tenha tido a posse dos terrenos e feito uso das benfeitorias, desde 28 de fevereiro do mesmo ano — data em que perante o Coletor Estadual de Fundão declarou a compra — pois que, caso contrário, não seria compreensível o segundo pagamento em julho, 90 dias após do primeiro, e neste período muita mandioca e muita banana deve de ter sido colhida;

4ª) o A. não facilitou a vistoria do local — pelo contrário dela se esquivou — e nem fez finca pé na prova testemunhal pedida a fls. 24, que lhe não foi deferida, no saneador;

5ª) o A. em seu depoimento pessoal de fls. 74, confessa ter tirado muita lenha do terreno, e depois, mui habilmente reperguntado por seu ilustre patrono, disse não ter transportado a lenha tirada;

6ª) o A. não prova, nem genérica, nem especificamente, o que diz quando alega que os terrenos eram de D. Eufrosina Maria do Carmo e que sofreu ameaças de morte por parte do amante de uma das filhas da proprietária do terreno, o que teria, certamente, dado motivo a inquérito policial que, facilmente, comprovaria o fato; e que, "sem prova do dano não há que cogitar da responsabilidade" (Acórdão do S.T.F. no rec. ext. 5611 em 8.10.1942, apud José de Aguiar Dias, Da responsabilidade civil, Rio 1944, p. 97, em rodapé;

3
J. Pacheco

. Atendendo ao que mais dos autos consta, à lei e a jurisprudência
concernente à espécie, passo à

III- Decisão.

JULGO, pelos fundamentos supra, improcedente a ação, condenando
o autor nas custas, e, em honorários advocatícios, êstes arbitrados em
Cr\$2.000,00 (dois mil cruzeiros). Perdas e danos, lucros cessantes e o
mais peliteado não o dou, porque não provado.

Dada hoje, com antecipação, para ser publicada na audiência desig-
nada para o dia 12 do corrente, às 13 horas. Após o que, registre-se e in-
titem-se.

Vitória, 6 de setembro de 1957

Renato Jose Costa Pacheco, Juiz Substituto,
funcionando no feito como adjunto da 3.a Vara da
Comarca de Vitória.

ENCONTRO COM RENATO PACHECO¹

Andreia Delmaschio²

Para Getúlio Marcos Pereira Neves

Ontem à tarde a nossa mudança chegou a Bento Ferreira. Finda a longa viagem, as conclusões eram muitas, e quase nenhuma inédita: não precisamos de tantos objetos; ainda não nos livramos de tudo o que podíamos; foi uma besteira ter levado tantos livros para Brasília.

Eu pensava justamente nos excessos, dessa e de outras categorias, enquanto desembulhava louças que jamais utilizamos, e cujo transporte de ida e volta nos custou caríssimo.

Rapidamente me cansei daquele trabalho e debrucei na janela da sala para tentar descobrir qual era o cheiro do bairro novo e, quem sabe, registrar, como numa foto, uma parte da vasta paisagem que era possível ver dali. Nossa máquina digital havia se perdido no transporte de volta, numa caixa, junto com documentos e fotografias.

Sobressaíam, nessa parte da cidade que eu nunca havia habitado, o preto do asfalto e o cinzento

¹ Conto escrito em 2008 e revisto em 2024, por ocasião do aniversário de morte do escritor.

² Escritora, professora titular no IFES e doutora em Ciência da Literatura pela UFRJ.

dos prédios comerciais. A paisagem geral, que eu deixara tão pouco tempo antes, parecia ter mudado excessivamente. Olhando em frente, deparei-me com o morro do Jaburu, à distância de uma rajada de metralhadora. Afastei-me alguns passos para trás, de modo a emoldurá-lo na esquadria de alumínio. Vi-o primeiro como um todo, um imenso bloco monolítico de pedra e casa, que somente o tempo e a frequência do olhar fariam com que meus olhos desvendassem um pouco mais, e mais um pouco, porém de um modo sempre incompleto. O espaldar da janela brilhava com o pó de minério; saí dali com os braços marcados por dois grossos riscos pretos. “Espero que o pó não crie um depósito nos pulmões em formação dos gêmeos”, lembro-me de ter pensado. A visão panorâmica desse lado da cidade, que, apesar de tudo, não é dos menos arborizados, já me alheava de vez das tarefas domésticas, chamando o corpo para a rua. Segui com o olhar as mulheres que voltavam a pé do trabalho para o outro morro mais próximo, vizinho ao nosso prédio, morro cujo nome eu ainda não havia descoberto. Uma ameaça de chuva com gotas pesadas, porém esparsas, fez surgirem sombrinhas desbotadas em vários pontos das ruas e da avenida que divide os bairros. O nome dessa avenida durante muito tempo andou pelas páginas policiais, na década de setenta – coisa de sequestro, estupro e assassinato. Imaginei que veríamos talvez uma rara chuva de granizo. Na primeira esquina à

direita, o vendedor da barraca de galletos encheu-se de dúvidas sobre o destino do seu negócio naquela tarde: olhou o céu, olhou a rua, calculou o movimento no entorno, de novo olhou as nuvens carregadas e resolveu desarmar a lona escura, privando a todos do cheiro bom de carvão e alho que já tomava conta do ar. Um “morador de rua” (até a década de oitenta eram chamados “mendigos”) passou gritando alguma coisa difícil de entender, mas não pedia nada para levar para a sua “morada”, porque, afinal, já estava completa e plenamente vivendo nela, não haveria portanto o que pedir, nem para onde levar, o que, ontologicamente falando, tornava a ele próprio uma incongruência, dando vontade de questionar a sua razão de ser, nos sentidos amplo e restrito. Principalmente quando um deles, malcheiroso, se aproxima da janela do nosso carro, no sinal...

Olhando o bairro do alto, lembrei que estávamos a poucos passos de um dos meus pontos prediletos, em Vitória: a livraria Logos da Praia do Suá, praticamente ao lado de casa, a partir de então. Adiei a arrumação da mudança e resolvi descer até lá, a ver se, quem sabe visitando um espaço meu conhecido, sentia-me enfim acolhida na vizinhança.

Para Marguerite Yourcenar, cada cidade tem seu perfume, recordei enquanto caminhava pelo quarteirão. Mesmo depois de alguns anos em contato com o cerrado, respirando o onipresente cheiro doce de fruta seca conservada na casca, a aragem úmida de

Vitória ainda me entontecia com suas notas de mato queimado e maresia, arbustos floridos e ferro pairando no ar.

Cheguei à livraria, e era um dia atípico: a loja estava fechada para balanço; o livreiro, velho conhecido, mesmo assim me convidou a entrar. Como os poucos funcionários se encontravam no andar de cima, fazendo os cálculos de fim de ano, pude circular com tranquilidade pelo pavimento inferior, deserto de gente viva e envolto no mais completo silêncio, que só os livros fechados e os autores mortos sabem impor. Um rapaz magro e pálido, portando uma barbicha rala que dava vontade de rir desceu as escadas e perguntou se eu buscava algo em especial. Liberei-o rapidamente, para que retornasse à contabilidade lá em cima e me deixasse só; eu não buscava nada em especial, queria apenas reviver algumas sensações, talvez levar comigo um livro novo, que só conseguiria ler quando as crianças tivessem crescido um pouco.

Caminhei por entre as estantes, impecavelmente organizadas, sentindo o cheiro forte da tinta e do papel. Sopesei uma bonita caixa colorida com parte da obra de Agatha Christie encadernada em capa dura. Não gosto da capa dura, porque leio sempre recostada num sofá reclinável, com o livro alterando sobre as pernas e o abdômen, de modo que a quina das capas machuca, marcando um vinco na pele. Eu gostaria que os livros fossem, o mais possí-

vel, maleáveis, macios a ponto de se acomodarem ao corpo sem causar desconforto. Respeito os que dedicam aos livros o amor tátil que os viciados votam aos maços de cigarros, na analogia feita por Caetano Veloso, mas reconheço o meu frágil vínculo com a parte externa dos volumes – a não ser em casos específicos, ou na literatura infantojuvenil. E já foi tamanho o meu desprendimento do objeto em si, que durante muito tempo evitei mesmo adquirir os livros que leria (meus poucos rendimentos me ajudavam a sustentar essa mania). A indiferença pelo invólucro era tanta (só agora percebo que era um outro tipo de idealismo) que eu me contentava em tomá-los emprestados de amigos ou bibliotecas, sem a necessidade da posse de nada mais que aquilo que podia ser guardado na memória.

Numa arara que exibia destaques, próxima da porta de vidro, encontrei uma nova edição lisboeta do *Livro do desassossego*, estranhamente pequena e fina, mas agradável ao toque e com o título verde fosco em alto-relevo sobre um fundo branco. Uma capa simples como poucas, e sem imagens. Afinal, que imagens escolher para representar a complexa rede de reflexões desenvolvidas naquele livro? Qualquer bom capista me daria ao menos três excelentes respostas, de imediato, mas eu me apeguei à proposta minimalista da editora. Fiquei intrigada sobre como teriam conseguido encolher a tal ponto o conteúdo de um dos meus livros prediletos. Desconfia-

da, retirei os óculos, aproximei o rosto da página e já ia iniciar uma perscrutação sobre o tamanho da letra e a integralidade do texto, quando senti o peso de uma mão no meu ombro esquerdo. Virei-me rápido, assustada, e vi ali, materializado diante de mim, ninguém mais, ninguém menos que Renato Pacheco, óculos com grossos aros de tartaruga e um largo sorriso aberto à minha frente. Ainda fez um “psiu”, com o dedo sobre a boca, para que eu não gritasse e pudéssemos permanecer ali sem sermos vistos.

De imediato eu não soube o que dizer, menos pelo fato de sabê-lo não mais entre nós do que pela minha natural timidez, que impede certos arroubos afetivos, mesmo no reencontro com grandes amigos. Tentando resolver meu acanhamento, abracei-o, talvez exagerando um pouco, simulando uma intimidade que nunca existiu, mas que o contato longo e minucioso com sua obra, de algum modo, parecer me proporcionado. De todo modo, o calor dos seus braços era um bom presságio no meu retorno à cidade em que nascemos ambos, em famílias e circunstâncias muito diversas, e com quarenta anos de diferença.

Gentilmente, puxou uma cadeira em torno de uma mesa redonda e convidou-me a sentar. Sentou-se também e abriu o livro que trazia na mão, pareceu-me que exatamente no miolo das folhas, dada a facilidade com que chegou aonde desejava. Lembrei-me de duas vezes em que o vira ali, em encontros

– aqueles sim – com alguma premeditação. No primeiro, fim de ano também, passou-me às mãos uma carta de Natal manuscrita em preto sobre azul, e no segundo, por ocasião da publicação de *Nomes pra viagem*, meu primeiro estudo da sua biografia, presenteou-me com o romance *Meia vida*, de Naipaul, com comovente dedicatória em meu nome.

Naquele tempo eu já estava às voltas com a pesquisa para a escrita de sua segunda biografia, situação que estabelece curiosos laços entre duas pessoas e costuma resultar em textos que acabam por revelar tanto do biografado quanto do biógrafo. Renato Pacheco parecia sabê-lo muito bem, percebi pelo que deixou na página de rosto do livro de Naipaul. E se então a alegria de Renato Pacheco me parecia muitas vezes respingada de amargor, ali na livraria a sensação era bem outra: uma aura muito serena envolvia o que de infantil havia na graça dos gestos.

Aproximou uma cadeira da minha, sentou-se e compôs uma expressão tão fingidamente grave que sorri. Sorriu também, com entusiasmo, e iniciou a leitura de uma narrativa longa, longa, que parecia não ter fim. Era a história de um vilarejo isolado do resto do mundo, onde só nasciam e habitavam cegos; um lugar onde todos já haviam perdido inclusive a memória do que significava ver. A esse lugar sem luz e sem cor, eis que chega, certo dia, um personagem que para os moradores era absurdo, que é o homem que enxerga, vendo, dizendo e fazendo coisas sem

sentido para os demais. Na primeira oportunidade, o vidente (assim o chamavam) tentou se tornar o rei daquelas paragens, onde as necessidades mais íntimas eram realizadas em público e onde cada um se isolava no momento de se alimentar, por vergonha dos sons e odores.

Renato Pacheco, com a cabeça levemente inclinada, lia sem virar uma página do livro e praticamente sem movimentar os olhos. Pareceu-me que criava a história ali, naquela hora, mas tamanha riqueza de detalhes exigiria uma imaginação mais que prodigiosa e uma mente sintaticamente infalível, que pudesse transformar todo o imaginado, no momento mesmo da imaginação, num conto acabado, com começo, meio e fim, como era aquele dos cegos.

Enquanto o ouvia, pensava: por que escolheu justo esse texto para me oferecer neste nosso reencontro? Teria sido puro acaso? E logo agora, quando ando eu em apuros com a visão... De todo modo, lia como um cego, ou um iluminado, as palavras lhe brotando da boca sem esforço. E estou certa de ter ouvido pelo menos umas vinte páginas, retiradas todas como que do centro inerte do livro, cujas linhas, de onde me encontrava, eu não conseguia muito bem distinguir. Pensei em me inclinar para tentar ver a capa, mas o ângulo não me favorecia e seria indelicado, àquela altura, interromper a narração.

E o conto se encerrava assim: “Havia sombras muito misteriosas... o azul se aprofundando para o

púrpura, e o púrpura para uma escuridão luminosa, e lá em cima estava a ilimitada vastidão do céu. Mas ele não mais prestava atenção nessas coisas; ficou bastante quieto por ali, sorrindo como se estivesse satisfeito simplesmente por ter fugido do vale dos cegos, no qual tinha pensado ser rei. O brilho do pôr-do-sol passou, a noite chegou, e ele ainda estava quieto, deitado, em paz e contente sob as estrelas frias e claras.”

Ao eco um tanto soturno das últimas palavras, cujo contexto só entende quem ouviu todo o resto, seguiu-se um rápido silêncio, em que Renato Pacheco pareceu refazer-se daquela espécie de transe. Em seguida, um sorriso aconchegante tingiu-lhe o rosto de branco e rosa, como se tudo tivesse se passado num milésimo de segundo, e ele ficou igualzinho à caricatura que um dia fez dele David Liebke. Sorri também e fomos caminhando para o sol lá fora. Dobramos a calçada em direção à beira-mar e seguimos: eu, adiante; ele, cavalheiro, sempre um pouco recuado. Notei que trazia o livro sob o braço, e como a sua leitura me deixou com o espírito digamos, um tanto literário, resolvi falar sobre o que estava escrevendo para, quem sabe, colher algumas sugestões.

Fomos transpondo as calçadas irregulares - pedra, buraco, raiz de árvore - enquanto eu dizia das lendas capixabas que pesquisaria para depois lhes dar, em conjunto, um tratamento ficcional. Mesmo sem o encarar diretamente, podia vê-lo balançando

a cabeça de modo afirmativo. Falei dos Botocudos e suas Esmeraldas, da Fada do Penedo, do Pássaro de Fogo, do Frade e da Freira. Disse ainda do adendo que faria com as outras lendas, urbanas. Ele ouvia tudo calado.

Já em frente ao Hortifruti, um tanto insegura e incomodada com a minha própria fala sem fim, virei-me para perguntar se ele de fato aprovava o projeto, e percebi que ele já não estava.

O livro, no entanto, ficou ali, jogado num canto da calçada, perto de uma placa de propaganda, e trazia ainda o marcador da livraria, justo na página central, como eu imaginava. Abri-o, imaginando que encontraria as páginas em branco, mas me enganei. Ali, no miolo da brochura, tinha início a história dos cegos.

A SEITA DOS QUEIMA-PAPÉIS...¹

Renato Pacheco

Biblios eles se chamavam a si mesmos e surgiram depois da terceira revolução mundial. Reproduziam um programa anarquista do século XIX da era cristã, e por toda a parte gritavam:

- Queimemos todos os papéis...

Em Londres, durante quinze dias o céu ficou escuro, com os despejos dos arquivos nacionais, e partículas de cinza penetravam em todos os espaços. Na Suécia destruíam trinta fábricas de papel. O maior jornal do Brasil teve idêntico destino.

A tese era a seguinte: a nova civilização não precisa de registros, livros de contabilidade, cartórios, processos escritos, diplomas. Você é quem é. Sua palavra vale o que vale. Os queima-papéis como eram chamados (eles se chamavam a si mesmos de *biblios*) estavam por toda a parte, e cada dia ganhavam mais adeptos, sofisticação de métodos e estratégias alternativas. Destruíram microfimes sem conta, equiparando o celuloide à celulose. Seus chefes formaram um governo paralelo, em que a memória era o único

¹ PACHECO, Renato J. C. *A bailarina impossível e outras histórias*. São Mateus: Tip. Santos, 1987.

penhor de que o que se dizia era fruto de alguma deliberação coletiva ou ordem ditatorial.

Dos microfimes passaram aos quadros (o Louvre foi parcialmente destruído), dos quadros às estátuas, destas aos videoteipes, tudo que fosse, remotamente, considerado um registro do passado caía na garra incendiária dos biblios.

Abu Bequer, o jovem, porque tentou esconder-lhes um Corão iluminado foi morto a pedradas, em plena rua do Cairo, e o livro, relíquia do século IX (desta vez da Hégira) foi solenemente queimado e as cinzas jogadas ao Nilo.

Assim já se passam três anos em que os *biblios* exercem, de fato, um controle integral sobre os destinos da humanidade simplesmente porque destroem registros. Porém fiquem descansados, eu, o Escriba, neste meu escuro refúgio, tudo sei, e de tudo dou e darei testemunho. A história prevalecerá sobre os *biblios*.

Este livro foi composto com a fonte Sabon corpo 12/15 no texto, 15/18 nos títulos.

A impressão do miolo foi feita sobre papel Offset 90g/m², e a impressão da capa sobre papel Cartão Triplex 250g/m².

Impresso na gráfica GSA, Vitória-ES, em Dezembro de 2024.

Tiragem: 100 exemplares.